



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

HELOÁ DE CARVALHO WERKHÄUSER ESCALANTE

LENTE ABERTA: UMA EXPERIÊNCIA DE AÇÃO-REFLEXÃO-
TRANSFORMAÇÃO COM JOVENS NA ESCOLA PÚBLICA.

Brasília - DF

2015

HELOÁ DE CARVALHO WERKHÄUSER ESCALANTE

LENTE ABERTA: UMA EXPERIÊNCIA DE AÇÃO-REFLEXÃO-
TRANSFORMAÇÃO COM JOVENS NA ESCOLA PÚBLICA.

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Maria Alexandra Militão Rodrigues

Brasília - DF

2015

ESCALANTE, Heloá de Carvalho Werkhäuser.

Lente Aberta: uma experiência de ação-reflexão-transformação com jovens na escola pública/ Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante. - Brasília, 2015.

Ensaio – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2015.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Alexandra Militão Rodrigues

HELOÁ DE CARVALHO WERKHÄUSER ESCALANTE

LENTE ABERTA: UMA EXPERIÊNCIA DE AÇÃO-REFLEXÃO-
TRANSFORMAÇÃO COM JOVENS NA ESCOLA PÚBLICA.

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria Alexandra Militão Rodrigues
Orientadora e Examinadora – Faculdade de Educação - UnB

Prof^ª. Dr^ª. Leila Chalub Martins
Membro Titular da Banca – Faculdade de Educação - UnB

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Guilmar Linhares Sanz
Membro Titular da Banca – Faculdade de Educação - UnB

Brasília, 23 de março de 2015

Dedico este trabalho a todos os seres que trabalham para um novo paradigma de educação que valoriza o amor e o cuidado nas relações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Mãe, Deus Pai e a todos os Seres Divinos que me acompanham na Terra e que acompanharam a feitura de todo o trabalho desenvolvido até então. Através de seus filhos e filhas me têm mostrado o caminho do meu Dharma, da verdade, da união, do amor universal e incondicional.

Agradeço a cada mestre e mestra que passaram na minha vida, ensinando o valor de cada ser, me ensinando a ser polenizadora do amor, me ensinando a ser um lindo beija-flor.

Agradeço aos meus amados irmãos de caminhada Victor Bernardes e Yuri Mello, pela sintonia, pelos diálogos, pelas trocas, pelo amor, carinho, amizade e união que fizeram possível a realização de todo o trabalho relatado neste ensaio.

Agradeço a todos os estudantes do CEAN que participaram do Projeto Lente Aberta, também fundamentais para que tal vivência se realizasse. Pessoas que me ensinaram muito sobre a vida e me trouxeram a confirmação de que a educação pode e deve transformar-se em um processo mais integrado e profundo, onde se (re)conhecer e (re)conhecer o outro torna-se essencial.

Agradeço ao meu companheiro de caminhada Laurent Gomides, pelas noites mal dormidas, pelo acolhimento e incentivo a realização deste trabalho, pelo seu amor, amizade e companheirismo, por ser um espelho de mim mesma, onde posso me reconhecer e me aprimorar no caminho da integração e do amor.

Agradeço aos meus pais, Heloísa de Carvalho e Roger Escalante, à minha madrastra Simone, aos meus irmãos Elisa de Carvalho, Carolina Escalante, Igor Escalante e Rafael Bordallo, aos meus avós Gercy de Carvalho e José de Carvalho, mestres dos saberes tradicionais, à minha avó Yara Escalante, enfim, à toda minha família de sangue, por todo o aprendizado, tristezas e alegrias, perdão, amor e compaixão que me proporcionam durante a caminhada neste grande mar da vida.

Agradeço também aos irmãos do coração da família e irmandade Aliança Arco-íris. Através dos nossos encontros, canções e amizade desabrocham em mim, cada vez mais a flor de lótus do amor e da união.

Agradeço às crianças, aos educadores, coordenadores, pais e à equipe de apoio da Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo, onde, por meio da construção coletiva pude aprender, ensinar e vivenciar um novo modelo de educação dialógica e também onde me constituí como educadora. Em especial, agradeço às minhas parceiras de sala Adriana Pereira, Maria Letícia Ferreira e Leila Saraiva, amigas que me ensinaram muito sobre a parceria dentro de sala, sobre a educação inovadora, entre outros vários aprendizados.

Agradeço à minha querida orientadora Maria Alexandra Militão Rodrigues, pela sensibilidade, por me compreender e me orientar na construção deste trabalho, por acalantar meu coração com mensagens sempre positivas a cada nova página que eu escrevia, pela amizade e carinho que construímos e por ser uma parceira no caminho da educação inovadora e transformadora.

Agradeço a todos(as) os(as) membros(as) da banca examinadora por aceitarem o convite de integrar e acrescentar na construção deste trabalho.

E agradeço enfim à amizade, como diz meu querido amigo Mitmeel Ananda, a maior riqueza que podemos ter na vida, tesouro de mais valor. A amizade é nossa maior alegria, que sempre nos contagia com a magia do amor.

(...)

“Com meus amigos tudo fica mais florido
e o meu gibi fica muito mais divertido.
A minha vida ganha muito mais sentido,
com meus amigos formamos um arco-íris.”

Mitmeel Ananda

ESCALANTE, Heloá de Carvalho Werkhäuser. Lente Aberta: uma experiência de ação-reflexão-transformação com jovens na escola pública. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Trabalho de Conclusão de Curso, 2015.

RESUMO

Este ensaio é uma sistematização do Projeto Lente Aberta, desenvolvido na perspectiva de uma educação inovadora. O trabalho foi escrito com o objetivo de compartilhar a experiência transformadora desse Projeto, para que possa reverberar nos espaços educativos escolares. O ensaio apresenta uma narrativa acerca das origens, histórico, princípios, metodologia e experiências vivenciadas, particularmente no segundo semestre de 2014. O Lente Aberta foi desenvolvido como Projeto Interdisciplinar (PI) no turno regular do Centro de Ensino Médio Asa Norte – CEAN, uma escola pública de Brasília, durante três anos (2012 a 2014). O Projeto visa despertar a consciência do reconhecimento do ser e sua transformação diante do mundo, a partir do trabalho pela autonomia dos estudantes, da construção coletiva do processo, da desconstrução do *modus operandi* da escola e da construção de um novo paradigma de educação, onde o ser encontra-se no centro. Os estudantes avaliam tal experiência como um espaço inovador dentro da escola, onde sentem-se à vontade para se expressar, onde educador e educando convivem numa relação de igualdade, respeito e liberdade, o que favorece o autoconhecimento e a transformação do ser e da cultura escolar.

Palavras chave: Educação Inovadora, Autonomia, Construção Coletiva, Consciência e Auto Conhecimento.

ABSTRACT

This essay is a systematization of the "Projeto Lente Aberta" (Open Lens Project), developed towards an innovative education perspective. The essay presents a narrative about the origins, history, principles, methodology and experiences that happened particularly in the second half of 2014. The work has been written with the purpose of sharing the transforming experience of this project, so that it can reverberate in school educational spaces. The "Lente Aberta" (Open Lens) was developed as an Interdisciplinary Project (IP) in the regular schedule of Centro de Ensino Médio Asa Norte – CEAN, a public school in Brasília, along three years (2012-2014). The project aims to aims at creating the awareness of the recognition of the self and its transformation in face of the world, the starting point of the work being the students's autonomy, the process of collective construction, the deconstruction of the school paradigm, and the construction of a new educational paradigm, where the person is in the center. Students evaluate such experience as an innovative space within the school, where they can freely express themselves, where teacher and student share an equality relation, respect and freedom, favoring self-knowledge, self-transformation, school cultural transformation.

Key words: Innovative Education, Autonomy, Collective Construction, Consciousness and Self Knowledge.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	06
RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
MEMORIAL.....	12
APRESENTAÇÃO.....	21
ABRINDO ALENTE: ORIGEM E HISTÓRICO DOLENTE ABERTA.....	24
CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA.....	26
OS PILARES DE TRÊS LENTES UNIDAS EM UM FOCO: A EDUCAÇÃO DO SER.....	28
METODOLOGIA DO PROJETOLENTE ABERTA.....	35
TRAJETÓRIAS DE UMALENTE ABERTA.....	38
ENCONTRO DA EQUIPE.....	38
ENCONTRO ZERO.....	38
1º ENCONTRO.....	39
2º ENCONTRO.....	40
3º ENCONTRO.....	42
4º ENCONTRO.....	45
5º ENCONTRO.....	47
6º ENCONTRO.....	50
7º ENCONTRO.....	50
8º ENCONTRO.....	53

9º ENCONTRO.....	55
10º ENCONTRO.....	57
11º ENCONTRO.....	58
INTERVALO CULTURAL.....	60
12º ENCONTRO.....	61
13º ENCONTRO.....	63
14º ENCONTRO.....	65
AO INFINITO E ALÉM: REFLEXÕES.....	67
REFERÊNCIAS.....	70
ANEXOS.....	71
ANEXO 1 – Primeiro Projeto escrito sobre o Lente Aberta.....	72
ANEXO 2 – Panfleto e Resumo Expandido apresentado na SEMEX UnB de 2012....	75
ANEXO 3 – <i>Zine</i> produzida pelos integrantes do Lente Aberta no segundo semestre de 2013.....	80
ANEXO 4 – Avaliação do Lente Aberta no segundo semestre de 2014.....	86
ANEXO 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Direção do CEAN.....	100
ANEXO 6 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Estudantes.....	101

MEMORIAL

Caminante no Hay Camino

Antonio Machado

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.

Faz bem relembrar o passado e observar como cada caminho levou a uma nova bifurcação, onde foi e é necessário que se faça escolhas para seguir. E como cada uma dessas escolhas se encaixa perfeitamente, assim como as águas correntes se encaixam nas pedras e deslizam para seguirem, ao que Sou e estou, hoje.

- Um Doce Suspiro ao Passado: Coração no Planeta Terra

Minha amada mãe, Heloísa, aos 26 anos e meu amado pai, Roger, aos 25 anos, decidiram que gostariam de ter um bebê e, assim aconteceu nove meses depois: eu, Heloá, nasci, a primeira filha de um jovem casal, uma Anapolina e um Gaúcho que se conheceram durante o ensino médio numa escola que existe até hoje em Brasília, onde eu também estudei. Meu nome foi escolhido pela minha mãe, era o nome de uma personagem de uma novela da época, que lhe agradou. Anos depois, em 2010, tive acesso ao livro “*Os 72 Nomes Sagrados do Altíssimo e a Mente Divina de Deus*” de J. J. Hurtak e Desiree Hurtak, que continha os 72 nomes de Deus, e lá estava o meu nome, com o significado de “*Deus do Perdão*”.

Além do nome, interpretado por mim como especial, nasci numa data também especial, véspera de ano novo. Lá eu estava, colocando o coração na Terra, no dia 31/12/1991, às 17h50.

Logo que a licença maternidade da minha mãe findou, aos meus 4 meses de vida, meus pais optaram por me colocar em uma creche, a Cabo Frio, de onde não tenho muitas lembranças, somente por fotos.

Morei na Colina, no Bloco “F” de faca, apartamento 101. Este endereço marcou a minha infância durante nove anos. Andava muito de bicicleta embaixo dos blocos, brincava no parquinho e adorava tomar picolé na banquinha da quadra. Certa vez, eu e minha mãe demos uma volta de bicicleta pela Universidade de Brasília, ela me mostrou o Restaurante Universitário e me contou que lá era onde ela almoçava quando estudou ali. Depois, pedalamos até a Ala Sul do Minhocão e ela disse que meu pai trabalhava lá, no subsolo. Eu, criança, não tive, naquele momento, a mínima noção do que era uma Universidade, se não um lugar onde minha mãe estudou e o lugar onde meu pai trabalhava e jamais poderia imaginar que um dia faria parte dela.

- Um Doce Suspiro ao Passado: Viver Centro de Ensino

Aos dois anos, sai da creche e fui para a escola. Meus pais escolheram uma escola pequena na 706 norte, Viver Centro de Ensino, que hoje já não existe mais, só lhe restou o espaço físico. Foi lá, também, onde desfrutei da minha infância, onde brinquei, aprendi a ler e escrever e fiz grandes amizades. Eu ficava no Viver de manhã, com a minha turma regular, e, à tarde, no que se chamava de semi-internato, onde pude conviver com crianças de outras idades; onde, também, fazia as tarefas de casa, durante o ensino fundamental, e praticava balé e natação. As lembranças que trago dessa época são as melhores possíveis. Estudei no Viver até meus doze anos, quando estava na sexta série, que equivale hoje ao sétimo ano, por ser uma escola pequena e de turmas que não passavam de vinte e cinco alunos. Minha família e eu sempre fomos muito acolhidas por cada profissional que lá trabalhava, é essa a única escola que eu chamo de Minha e, se ela ainda existisse, não pensaria duas vezes em voltar como professora para retribuir toda a formação que esse lugar me proporcionou para a vida.

- A Escola de Gente Grande

No meu último ano no Viver, só restavam, na minha turma, nove alunos, dentre os quais somente duas eram meninas, eu e mais uma colega. A turma se desfez, no ano seguinte, cada um foi para uma escola diferente. Eu, aos treze anos, fui para a escola onde meus pais se conheceram, uma dessas escolas que mais aprova no vestibular e, em

compensação, pouco ensina sobre compaixão, autonomia, identidade e alteridade, pois só há tempo para os conteúdos, só conteúdos.

Fiz alguns poucos e bons amigos, que mantenho até hoje. Sempre me relacionei muito bem com os professores, herança de como agia no Viver. Já com o sistema que a escola adotava, logo percebi suas falhas e me aproveitei disso, pois a escola se tornou um lugar da mesmice, para mim, ver conteúdos, alguns aprender, outros decorar e fazer prova, que não provava nada. Os conteúdos e matérias que me interessavam, eu gostava de estudar e ainda me lembro de muita coisa, já os que eu não sentia gosto em estudar, matemática e física, não estudava, e usava o sistema da escola a meu favor, pois sabia que ao final de cada semestre haveria uma prova de recuperação, ao invés de quatro, e mais fácil do que as outras quatro provas que a antecediam, e ainda poderia estudar tudo uma vez só.

Foi também nesta época da adolescência que pude notar como eu pensava diferente dos demais, percebia em mim uma mente revolucionária e artística que me diferenciava da grande maioria dos outros jovens que ali estudavam e se deixavam levar pela mesmice das atitudes. Durante este processo, senti que precisava me afastar daquela escola, daquelas pessoas, sentia latente o desejo de mudança. Conversei com meus pais e eles decidiram me colocar, não na escola onde eu pedi, mas numa outra unidade daquela mesma escola. Tudo bem, era uma escola maior e com mais possibilidades, e foi lá onde concluí meu terceiro ano do ensino médio.

- À Caminho da Universidade

Prestei o PAS (Programa de Avaliação Seriada) e o vestibular, pela primeira vez, para engenharia floresta. Apesar de não gostar de matemática e física, queria fazer um curso na área ambiental, para estudar mais a fundo a natureza, mas todos os cursos da área ambiental trabalhavam essencialmente com matemática e física. Meu pai, na época, olhou os cursos dessa área nas faculdades particulares, no intuito de não perder tempo, caso eu não passasse, mas de forma nenhuma eu faria uma faculdade particular, isso estava muito claro para mim, queria o diferencial da UnB, as árvores, as pessoas e não a continuidade da escola, entre prédios e grades fechadas.

Enquanto o resultado dos exames para UnB não saíam, fui convidada, por uma prima da minha mãe, para fazer uma viagem à Suíça, onde ela residia e reside até hoje. No auge dos meus dezoito anos, eu me deparei desfrutando de um dos meus sonhos, viajar pelo mundo, tive a oportunidade de conhecer cidades e uma cultura diferente, foi

um mês de profundo amadurecimento. Os resultados da UnB saíram, e eu, como já previa, não passei. Ao conversar com minha prima, Tânia Vianna, mestre na Arte Terapia e *HNC*, uma espécie de *Body Talking*, ela me perguntou por que eu não prestava o próximo vestibular para pedagogia, pois havia percebido, em mim, algum dom para tal profissão.

Retornei ao Brasil e fui direto para o cursinho, época muito difícil e de muita pressão. Engordei 10Kg de pura ansiedade, e amadureci a ideia de fazer pedagogia. Percebi, durante essa época, que poderia trabalhar com a área ambiental em qualquer curso que eu escolhesse e na pedagogia, especificamente, poderia trabalhar com a educação ambiental, e foi com esta ideia que ingressei na UnB, no curso de Pedagogia, quatro meses depois.

- Pedagogia

Uau! Foi essa a sensação que tive ao entrar na Universidade, a libertação da escola, agora eu poderia fazer do meu jeito e estudar com prazer o que eu queria. No meu primeiro semestre na UnB, minha mãe inclusive comentou que fazia tempo que não me via estudar com gosto e dedicação. Este foi um semestre tranquilo e de reconhecimento da Universidade e do próprio curso de Pedagogia. Foi ainda neste semestre que um querido amigo, Victor, que já estava no meio do curso e que estudava sobre educação ambiental, me informou que haveria o VI Encontro de Educadores Ambientais do DF. Eu, com sede de saber, fui e me deparei com uma palestra incrível do José Pacheco, respondendo perguntas sobre a experiência inovadora da Escola da Ponte, o que me fascinou. No segundo semestre, seguindo a minha ideia inicial de estudar sobre educação ambiental, fiz a matéria de Fundamentos da Educação Ambiental com a professora Ana Tereza e, em seguida, no terceiro semestre, ingressei no Projeto 3 de Educação ambiental, gênero e representações sociais. Foi interessante, mas pude perceber, em um ano e meio, na Faculdade de Educação, que poderia estudar e trabalhar com aspectos mais grandiosos e amorosos da Educação, que não somente a educação ambiental. Foi assim que procurei, ao final do terceiro semestre, a professora Fátima Vidal, pois sabia que o projeto que ela orientava tinha a ver com ideias da Escola da Ponte, aquela que conheci pela palestra do José Pacheco.

- PET-Edu e Lente Aberta

Já no primeiro semestre na Universidade, Victor Bernardes, um irmão do coração, me apresentou a uma salinha, que ficava atrás do C.A., onde dizia ser o PET-Edu. Eu entrei, fui apresentada à Marina Corrêa, Natássia, Deise Rocha e Mateuzera, pessoas revolucionárias, loucas e queridas. Ainda tímida, perguntei o que eles faziam naquele lugar e Marina me explicou o que era o PET (Programa de Educação Tutorial), um lugar onde se trabalhava por meio da construção coletiva junto com a comunidade. Com o passar das semanas passei a frequentar cada vez mais essa salinha e a conviver e conversar com alguns petianos. No final do meu terceiro semestre, abriu a seleção para novos petianos, e os antigos muito me incentivaram para que eu me inscrevesse e fosse, com eles, desfrutar e contribuir com novos caminhos dentro do PET-Edu. Havia quatro vagas para bolsistas, eu fui a quinta colocada, mas entrei mesmo assim, como voluntária, eu e Yuri, o sexto e último colocado.

Nas férias, antes do quarto semestre começar, nos reunimos eu, Yuri e Victor, respectivamente com nossas afinidades políticas e espirituais, escrevemos um esboço de um projeto para ser desenvolvido com jovens e daí nasceu o Lente Aberta, fruto da nossa união no PET-Educação e motivador deste trabalho.

Foi também no PET-Edu onde aprendi a lidar com embates políticos e com as relações de poder, pois na época a nossa tutora, apesar de ter consciência que o PET era um espaço de construção coletiva, queria decidir o que faríamos naquele espaço, onde e como trabalharíamos etc. Durante um ano inteiro tivemos que lidar com essa situação, tivemos reuniões mediadas pelos coordenadores de graduação e de extensão para que o diálogo pudesse acontecer, e até mesmo pela própria direção da Faculdade de Educação. Por fim, recorreremos ao órgão máximo dos grupos PET na UnB, o Comitê Local de Acompanhamento e Avaliação -CLAA, para tentarmos solucionar o nosso problema. Enfim, foram momentos difíceis, mas de muito aprendizado e de união entre os petianos para reivindicarmos nossos direitos enquanto grupo PET.

Como nosso problema com a tutora não teve a solução desejada, pois continuávamos na mesma situação de autoritarismo por parte dela, o nosso grupo se desfez, todos saímos do PET-Edu e o grupo foi completamente reconfigurado após um novo processo seletivo. Eu e Yuri, porém, queríamos continuar com o nosso projeto do Lente Aberta e decidimos participar do processo de seleção para o PET Conexão de Saberes – Música do Oprimido, onde pessoas de todos os cursos poderiam participar.

- PET Conexão de Saberes - Música do Oprimido

Eu e Yuri conseguimos entrar para esse outro PET, onde as bases teóricas estavam firmadas em Paulo Freire e realmente na concepção da construção coletiva de saberes e o nosso Tutor, Mário Brasil, é uma pessoa muito sensata, carinhoso, dialógico e aberto para o novo.

Não conseguimos levar o Lente Aberta para dentro do PET Conexão de Saberes, pois nele todos os integrantes elaboravam e trabalhavam em um único projeto, ou mais de um, porém construído coletivamente e onde todos pudessem contribuir. Como o Lente Aberta já funcionava e já tinha uma concepção própria, preferimos contribuir com um novo projeto para esse novo PET no qual acabáramos de ingressar.

Durante os quase dois anos em que participei do PET Conexão, desenvolvemos um trabalho que envolvia artes, expressão e educação com jovens no Coletivo da Cidade localizado na Estrutural-DF. Como eu e Yuri já trabalhávamos no Lente Aberta, pudemos compartilhar vários elementos interessantes do Lente com o projeto no Coletivo, como encontros práticos, dinâmicas de percepção de si e do próximo, reflexões, tudo permeado pela música, pelo teatro e pela dança.

Além do desenvolvimento desse projeto, dentro do grupo pude aprender muito sobre a gestão coletiva e também participei do Encontro Nacional dos Grupos PET-ENAPET, onde pude auxiliar no processo de reformulação do documento que norteia a filosofia dos grupos PET no Brasil, reafirmando o caráter da construção coletiva dos processos desenvolvidos pelos grupos de todo Brasil, entre outros aprendizados e contribuições.

- Yoga/ Yoga Lúdico/ Meditação Vipassana / Massagem

Durante o período da minha graduação em pedagogia, entrei em contato com algumas práticas que se fazem presentes até hoje na minha vida e que me trazem o contato com meu lado sensível e sensitivo, com o meu Eu espiritual.

Comecei a praticar yoga. No início, fazia aulas pela manhã na própria UnB e em seguida ia para as minhas aulas na Faculdade de Educação. Encantada com os benefícios que tal prática me trazia, fiz um curso de Yoga Lúdico, direcionado para dar aulas às crianças, que utilizei no ano seguinte ao curso, quando trabalhei como educadora na educação infantil.

Também fiz um curso de Meditação Vipassana, permanecendo 10 dias em silêncio, meditando e podendo entrar em contato comigo mesma, com meu Eu verdadeiro. Pude também aprender a meditar e a trazer a consciência para o meu corpo, meus pensamentos e minhas ações, fazendo assim, um estudo constante de mim mesma.

Mais ou menos na mesma época, fiz também um curso de massagem, para aprender a trabalhar com outra área que também me interessa muito, a área da cura.

Cito esses aspectos da minha história neste trabalho para que, mais à frente você possa compreender melhor sobre parte do trabalho que desenvolvemos no Lente Aberta e ressalto que essas não são os únicos meios que utilizo para minha prática espiritual e de autoconhecimento, mas são alguns deles.

-Monitorias

No final do primeiro semestre, fui convidada, pela professora Viviane Legnani, a ser sua monitora de Perspectiva do Desenvolvimento Humano, no semestre seguinte. Este foi um espaço onde pude, além de revisar toda a matéria, pois corrigia os estudos dirigidos e a prova final dos/as alunos/as, compreender a importância da monitoria como espaço de formação do pedagogo. Logo, em todos os semestres que sucederam, pedia aos professores com os quais tinha mais afinidade de pensamento, para ser monitora.

No terceiro semestre tive a linda experiência de trabalhar, em Projeto 2, com o Professor Renato Hilário, um ser imensamente amoroso, a quem sou muito grata por todos os aprendizados no que tangem a amorosidade, o respeito e a formação política ideológica. Nesta monitoria, trabalhava mediando as discussões do grupo, ajudando na organização de alguns compromissos combinados durante o semestre e ajudando na avaliação final da disciplina, que se dava por uma auto-avaliação dos estudantes diante do processo.

No quarto semestre tive também outra experiência maravilhosa, trabalhei juntamente com a Professora Patrícia Pederiva e com meu irmão do coração, Yuri Bonfim. Patrícia nos deu a oportunidade de fazermos, na disciplina Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, dinâmicas de integração, ao início de cada aula. Tal espaço me fez refletir e demonstrar meu potencial e prazer tanto pelo lado artístico musical, quanto pelo lado criativo, pois eu e Yuri inventávamos, a cada semana, dinâmicas que envolviam música e proporcionavam a interação entre todos do grupo. A querida Patrícia, ativa, criativa e fora dos padrões, foi e é uma grande incentivadora de

todo esse potencial que me permeia e, volta e meia, me chama para participar de projetos com ela.

Já no quinto e sexto semestres decidi mergulhar nas práticas pedagógicas inovadoras e, diante deste processo, fui monitora da Professora Fátima Vidal, pessoa também muito querida e amorosa, durante dois semestres seguidos me aprofundando nesta temática e auxiliando o grupo na organização dos nossos combinados durante os semestres.

-Práticas Pedagógicas Inovadoras

Entrar para o Projeto de Práticas Pedagógicas Inovadoras me ajudou a enxergar e traduzir, de forma mais concreta, muito do que eu já pensava sobre educação. Escolher fazer tal projeto, foi uma escolha consciente, não conhecia as professoras que o facilitavam e ainda o facilitam, mas optei pela temática com o qual trabalhava.

Tive a oportunidade de estudar a estrutura e os dispositivos com os quais várias escolas com propostas inovadoras trabalhavam, além de poder visitar e observar algumas dessas escolas localizadas em Brasília.

Tal projeto foi de fundamental importância no que tange o estudo e a prática de como realizar uma educação que prioriza o respeito ao outro, a autonomia de pensamento e a construção coletiva dos processos educativos.

Durante minha caminhada e em consequência do estudo e observação, no Projeto 3 de Práticas Pedagógicas Inovadoras, segui para trabalhar em uma segunda escola que leva a vida no nome e na maneira de conviver com as crianças, a Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo.

- Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo

Falar sobre a minha experiência na Vivendo e Aprendendo daria outra monografia, mas serei sucinta.

Na Vivendo foi onde eu tive meu primeiro contato mais profundo com o que é ser educadora. Durante dois anos (de 2013 a 2014) aprendi uma infinidade de dispositivos para manter viva uma educação que preza pelo respeito do ser e de sua identidade, por sua autonomia e pela construção coletiva de um processo educacional, onde professor e educando, educando e educando, professor e professor, professor e pais, aprendem através do diálogo e da troca.

Além de aprender na prática sobre o universo das crianças, amorosas, verdadeiras e intensas, pude também aprender muito com os pais e com os demais educadores da Vivendo e Aprendendo. Por se tratar de uma associação, o processo de construção coletiva também se faz presente a todo o momento, tanto na sala de aula, onde junto às crianças criamos os projetos e combinados que norteiam o nosso dia-a-dia, quanto nas reuniões pedagógicas semanais, onde todos os educadores, junto à coordenação pedagógica e psicológica, se reúnem para refletir e aprimorar sobre suas práticas e refletir sobre segmentos de gestão da associação.

No que tange a gestão da associação, essa é formada por educadores e pais, e inúmeras decisões são tomadas nas suas assembleias, onde pais e educadores se unem (ou não) para delinear os rumos da associação. Este foi sem dúvida o processo de construção coletiva mais desafiador do qual participei, pois, na época, a associação contava com cerca de trezentos pais e mães, mais uma equipe pedagógica e de apoio que contabilizavam cerca de dezenove pessoas, ou seja, são muitas cabeças pensando e propondo, por isso o desafio de todos entrarem em um consenso.

Como educadora, pude aprender muito também com as parcerias que tive, pois o trabalho dentro de sala é realizado por dois ou até três educadores, dependendo do contexto da turma, onde novamente se faz presente a construção conjunta do processo educacional.

Enfim, conhecer e participar do mundo mágico das crianças foi uma experiência incrível, ainda mais por se dar em um espaço onde agimos de forma respeitosa e amável. Tal experiência foi imprescindível para a minha formação enquanto pedagoga e educadora.

Em minha jornada encontrei a natureza que gostaria de estudar, a natureza do ser. Ser que aprende e ensina com respeito e amor a cada indivíduo que cativas, ou mesmo, pelo qual passa.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é um ensaio acerca do Projeto Lente Aberta, o qual foi desenvolvido por mim e por dois colegas da graduação do Curso de Pedagogia, Victor Bernardes (hoje cursando o Mestrado em Educação) e Yuri Bonfim, em uma escola pública de Brasília de segundo grau, entre 2012 e 2014. A opção por um ensaio resulta da natureza do tema e da maior liberdade para desenvolvê-lo que esse formato proporciona.

Tendo em vista a singularidade do Lente Aberta, resultante de uma expressiva interlocução entre estudantes da UnB/ Curso de Pedagogia e adolescentes da escola pública, por meio de um processo dialógico de ação-reflexão-transformação, e o fato de até então não ter sido realizada uma sistematização do Projeto - a maioria dos registros até julho de 2014 tinham sido orais e esporádicos - considerei importante sistematizar e compartilhar essa experiência pedagógica por meio deste ensaio.

Assim, o trabalho realizado no segundo semestre de 2014 no âmbito do Lente Aberta foi alvo de um registro semanal por parte da autora deste trabalho. Os principais instrumentos utilizados foram o diário de bordo, filmagens e reflexões coletivas da equipe. Foi assumida uma atitude de escuta sensível, a qual também permeou todo o processo desenvolvido no contexto do Lente Aberta, desde seu início. Foram ainda recuperados documentos e apontamentos dos seus colaboradores.

Este ensaio tem o objetivo de compartilhar, aos olhos e corações dos leitores, a experiência transformadora do Projeto Lente Aberta, para que esta possa reverberar em diversos espaços educativos. A partir desse objetivo, fez-se necessário revisitar as origens e o histórico do Projeto Lente Aberta; apresentar a sua concepção do e as perspectivas de seus mediadores; contextualizar o Lente Aberta no âmbito institucional; explicitar a metodologia construída durante a experiência; narrar os encontros ocorridos no 02/2014; e, por fim, refletir acerca do processo vivido com o Lente Aberta, particularmente no 2º semestre de 2014.

Gostaria que fossem anexadas a este trabalho as imagens do processo experienciado durante o 2º semestre de 2014, já que todas as oficinas foram filmadas, com o consentimento dos estudantes. Assim, obtive a autorização da direção da escola para o uso das imagens da escola e para uso do nome da escola neste trabalho, assim como a autorização do uso da imagem de todos os estudantes participantes do Lente Aberta. Porém, os estudantes eram menores de idade e não consegui a autorização de

seus responsáveis, porque entreguei a eles tais autorizações nas últimas semanas de aula, quando muitos perderam o papel, ou se esqueceram de mostrar aos responsáveis e retornar para mim, tornando inviável o anexo de vídeos até a data de apresentação do trabalho. Ainda pretendo obter tais autorizações, para adicionar a este trabalho a rica experiência das filmagens do processo.

Depois que uma nova Lente é aberta, não se enxerga mais com os mesmos olhos.

Heloá Escalante

23

ABRINDO A LENTE: ORIGEM E HISTÓRICO DO LENTE ABERTA

O Projeto Lente Aberta surgiu a partir das afinidades de três integrantes do PET-Educação localizado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Eu, Heloá e Yuri Bonfim havíamos passado no processo seletivo para fazer parte do PET-Edu havia dois meses e conversando com nosso amigo de curso Victor Bernardes, com um pouco mais de tempo no grupo PET, percebemos que compartilhávamos de concepções pedagógicas e de vida muito parecidas. A partir dessa conversa, marcamos um encontro em meados das férias do ano de 2011 para 2012, para escrevermos um projeto que pudéssemos realizar pelo PET em algum espaço educativo de Brasília.

No nosso encontro várias ideias em comum surgiram. Em síntese, todos queríamos levar, até uma escola pública de Brasília, temas essenciais para a vida, com os quais as escolas quase não trabalham. A princípio gostaríamos de construir esses temas com os estudantes, para que partisse deles o interesse e a vontade em conhecer, estudar e mergulhar em algo diferente dos conteúdos ministrados em sala de aula. Para tal finalidade ser alcançada, nós abrimos nossas caixas de talentos e expusemos por meio de que temas e estratégias poderíamos começar. Teatro, musicalização, corporeidade, educação socioambiental, técnicas de origami e jogos cooperativos foram aqueles que tínhamos competência e vivência para desenvolvemos, como caminho agregador aos temas que os jovens sentissem necessidade de entrar em contato.

O nome “Lente Aberta” foi um aproveitamento, ou apropriação, de um projeto denominado “Projeto de Cultura Popular em Movimento Lente Aberta” criado por outros integrantes do grupo PET-Edu, o qual estava previsto no planejamento anual do grupo como uma das atividades a serem desenvolvidas, porém naquele momento estava inativo. Então, nós decidimos aproveitar o nome “Lente Aberta”, que se encaixava perfeitamente à nossa proposta, uma lente aberta a novas possibilidades, conhecimentos, e a troca com o outro.

Após as conversas, convergências de sentimentos, ideias e escolha do nome, formalizamos um documento em formato de projeto (ANEXO 1) para ser apresentado como proposta no Centro de Ensino Médio Asa Norte – CEAN, localizado na quadra 606 da Asa Norte. Escolhemos essa escola por dois motivos: o primeiro é porque queríamos trabalhar com adolescentes, que frequentam a escola em média há 13 anos de suas vidas, ou seja, que tivessem entre 15 e 17 anos e necessitassem de mudanças, tanto

no que tange a metodologia da escola tradicional, quanto de espaços que proporcionassem o exercício da autonomia dentro da escola, de novas vivências consigo mesmos e com os outros. O segundo motivo da escolha, foi porque a escola localiza-se próximo à UnB, facilitando a nossa locomoção.

No início de março de 2012 fomos até o CEAN apresentar o nosso projeto e cogitar a possibilidade dele ser ofertado para os estudantes do período matutino no contra turno das aulas, ou seja, à tarde. Por meio da sincronicidade da vida, aquele era o último dia para a inscrição de projetos, os quais teriam um horário duplo garantido na grade horária dos estudantes. Assim sendo, optamos por trabalhar no período vespertino, como planejado, atendendo jovens do 1º ano – pois somente esta série funciona no período matutino no CEAN – que quisessem participar do Lente Aberta.

Na semana seguinte fomos até a escola para apresentar e inscrever os interessados no Projeto e na semana subsequente demos início ao primeiro encontro do Lente Aberta, que foi realizado por meio de uma conversa sobre nossas habilidades e talentos como animadores do processo e abrindo a escuta para saber o que eles gostariam de realizar no espaço do Lente Aberta.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA

O Lente Aberta integrou-se ao CEAN por meio da disciplina chamada Projeto Interdisciplinar, vulgo PI, que ocorre uma vez por semana, ocupando o tempo de um horário duplo de aula – como são ministradas as demais aulas na escola - o que equivale a 1h30min dentro da grade horária dos estudantes.

É importante contextualizar o Lente Aberta no CEAN, visto que, embora Projeto seja uma disciplina obrigatória no currículo dos estudantes da Rede Pública, nessa escola a proposta da inserção de Projetos se diferencia das demais escolas de segundo grau do Distrito Federal. Para tal, consideramos oportuno realizar uma entrevista com a Vice-diretora do Centro de Ensino Médio Asa Norte, Maria das Graças de Paula, recolhendo informações mais precisas acerca da natureza e funcionamento dos Projetos Interdisciplinares, para embasar esta explanação.

Antigamente, no CEAN, assim como ainda ocorre na maioria das escolas da Rede Pública de Educação do Distrito Federal, tal Projeto era denominado de Projeto Disciplinar, que faz parte do currículo dos educandos na Rede e se refere a uma disciplina (como matemática, português, filosofia, etc). A equipe pedagógica e/ou a equipe gestora escolhia para qual Projeto Disciplinar cada turma ou estudante seria encaminhado, isto é, os estudantes não podiam fazer a escolha da disciplina que gostariam cursar.

No CEAN, o Projeto Interdisciplinar surgiu a partir de uma discussão político-pedagógica durante a construção do Projeto Político Pedagógico da escola, em 2001, com um grupo de professores e a Comunidade Escolar. Diante da filosofia e da proposta pedagógica do CEAN, os participantes dessa discussão resolveram ampliar, dentro do Projeto Ensino Médio Inovador (ProEMI) proposto pelo MEC, das disciplinas para os macrocampos propostos pelo ProEMI: Acompanhamento Pedagógico (Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza); Iniciação Científica e Pesquisa; Leitura e Letramento; Línguas Estrangeiras; Cultura Corporal; Produção e Fruição das Artes; Comunicação, Cultura Digital e uso de Mídias; Participação Estudantil. E então, mudaram o conceito do Projeto Disciplinar, que é apelidado dentro do CEAN como Projeto Interdisciplinar, mas no currículo dos estudantes, consta com a nomenclatura utilizada nas escolas da Rede Pública, Projeto Disciplinar.

Segundo a Vice-diretora, esse processo de mudança foi pensado para que se tornassem mais concretos alguns aspectos dos quais os estudantes do CEAN já praticavam dentro da escola, como o senso crítico e a autonomia de escolha. Assim como, entendendo que cada estudante tem a sua necessidade pessoal, eles pudessem escolher a oficina que mais gostariam de participar. E no que tange este ato da escolha, a Vice-diretora afirma que há melhores resultados, do que dos resultados com os PD's, quando havia baixo rendimento e um índice alto de desistência da matéria.

Os professores da escola têm uma carga horária de Projeto Interdisciplinar dentro das suas cargas de trabalho, portanto, cada um tem de ofertar uma oficina como Projeto Interdisciplinar. O processo de mudança do conceito de PD para PI influencia também no trabalho dos professores, pois eles recebem estudantes de turmas diferentes e em número reduzido, o que possibilita que o professor possa conhecer melhor cada estudante participante do seu PI.

Além dos professores, há também os parceiros da escola que ministram oficinas. Esses parceiros geralmente são professores e estudantes da UnB, como por exemplo, o Lente Aberta, realizado por três estudantes de pedagogia. Há também Empresas Júnior e PIBIC's que são desenvolvidos como PI, além de parcerias com Institutos, como o Ipoema, que trabalha com educação ambiental e sustentabilidade; e empresas, como a FS, que trabalha com intercâmbio, levando alunos intercambistas para a escola e ministrando um PI sobre interculturalidade e diversidade cultural. Entre outras parcerias comentadas pela Vice-diretora, está o PI de dança, ministrada por estudantes do CEAN, com o acompanhamento de um professor, no caso, a professora de artes.

Como o Projeto Interdisciplinar está na base curricular dos estudantes, é uma matéria que precisa de nota e frequência, porém não é uma matéria que pode reprova-los. No CEAN, alguns professores utilizam a nota do PI como ponto extra em suas matérias, assim como fizeram a professora de Artes e um professor de Física, que de 0 a 10 da nota final da matéria, disponibilizaram 1 ponto para equivaler a nota tirada no PI.

OS PILARES DE TRÊS LENTES UNIDAS EM UM FOCO: A EDUCAÇÃO DO SER

Durante a nossa parceria como equipe de animadores, nos aprofundamos em nossas relações, nos conhecendo a cada dia e assim encontrando em cada um a maneira mais confortável de conduzir e/ou participar dos encontros do Lente. Oferecendo nossos talentos e abertos para receber o novo, assumimos uma perspectiva comum, porém mantendo nossas singularidades. Por esse motivo, optei neste trabalho por convidar os meus amigos mediadores para escrever, para este ensaio, um texto compartilhando o que é o Lente Aberta para cada um, o que se configura como um processo de escrita cooperativa. Após a apresentação do texto de cada um dos três animadores do Projeto serão explicitados os pilares assumidos por todos no desenvolvimento do trabalho, e que de fato constituem os alicerces do Lente Aberta.

Obs.: cada um de nós escreveu o texto que segue para este trabalho, isoladamente, a fim de que a percepção de um não influenciasse no texto do outro.

Para Heloá Escalante, a autora:

O que é o Lente Aberta para mim?

O Lente Aberta se constituiu para mim, primeiramente, como uma ideia revolucionária, onde pretendíamos levar até a escola práticas - e quando digo práticas, digo no sentido essencial da palavra de agir, fazer, vivenciar dinâmicas essenciais para a vida - que a escola geralmente deixa de lado, pois cumprir com o conteúdo de forma pragmática é mais importante. Para mim, é essencial me conhecer, me repensar e transformar o que necessita ser transformado para que eu possa viver em harmonia comigo e com meus irmãos, com o próximo.

Para esta meta, me conhecer, bebi de várias fontes, as quais compartilhei no Lente Aberta, durante as oficinas: práticas de Yoga, Meditação Vipassana, auto-observação, entre outras.

Além do autoconhecimento, sinto que também é essencial perceber o outro, seja para aprender um pouco mais de si, seja para ajudá-lo em algo que ele necessita. E neste propósito, sinto que as relações, a proximidade, o toque são o canal para que isso

aconteça de forma mais profunda e eficaz. Neste ponto, compartilhei com o Lente Aberta vivências da corporeidade, onde corpo, movimento e contato expandem a consciência para novas percepções da realidade.

Outros aspectos que sempre estiveram presentes na minha vida são as artes, desde a música, cantando, dançando e tocando percussão, até as artes manuais, na confecção de mandalas, origami, entre outros. A espiritualidade também sempre foi muito viva e presente comigo, sempre tive interesse em me aprofundar neste aspecto, sobre as diversas religiões e a levar comigo o que entra em sintonia com o meu ser, seguindo o caminho do coração.

Dentre as perfumosas essências que citei, para mim, o Lente Aberta se constitui, realmente, como um espaço revolucionário dentro da escola, a começar por serem encontros e não aulas, por serem encontros práticos, com movimento dinâmico, por ser um espaço dedicado à autonomia do ser, onde todos têm oportunidade de se expressar da forma que quiserem, sem que haja julgamentos ou repressões, por ser um espaço dedicado à construção coletiva, onde o outro é essencial. Por essas e outras é que vejo o Lente Aberta como um espaço educativo inovador, inacabado e às vezes até difícil de decifrar, pois este espaço está em constante transformação, assim como nós, e vai se constituindo de acordo com os desejos e necessidades de cada ser que dele participa.

Para Yuri Mello Bonfim

O que é o Lente Aberta para mim?

O Lente Aberta é uma pequena tradução do tipo de encontro que eu gostaria de ter tido dentro da escola quando estudante do ensino básico.

Na minha trajetória escolar, eu senti muita falta de discutir questões mais aprofundadas, do que os conteúdos ministrados nas disciplinas. Sempre tive necessidade de falar de política, de drogas, de religião, de sonhos, de poder agir e dialogar, ali dentro da escola mesmo, como falo em outros lugares, sem a rigidez da hierarquização das relações e dos protocolos formais institucionalizados.

Ao chegar na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília pude ter todas as discussões que ansiava ter. Percebi que enquanto estudante do ensino básico, era

podado pelos professores, e na faculdade era o contrário, era estimulado a pensar e discutir esses assuntos.

Em meio a esses debates cruzei com Victor e Heloá, colegas da pedagogia e parceiros de filosofia, e através do PET –Educação (Programa de Educação Tutorial) montamos a oficina Lente Aberta. Resolvemos que aquele seria um local de liberdades, de se permitir ser quem se é. Um ambiente onde professor e estudante constroem juntos o que tiver que ser construído. E o aluno tem a oportunidade de propor e discutir abertamente o que fora de lá, não conseguem. Onde a educação é processo, como a vida é processo e não fim. Onde a autonomia reina e a busca pelo desvelamento de si próprio é lei. Onde professor é aprendiz e aluno é professor. Onde só se está quando se quer estar, e é validado o direito de não querer.

O Lente Aberta me ajudou a ter esperança na educação, uma vez que me mostrou que existem sim professores dispostos a questionar o *status quo*, e mais que isso, me mostrou que a inércia estudantil contemporânea é reflexo de uma inércia do professorado; que os estudantes estão sendo anestesiados, mas dispostos a sair dessa dormência; e que basta uma faísca dentro de sala para que os jovens provoquem um incêndio!

Para Victor Lino Bernardes:

O que é o Lente Aberta para mim?

Quando estava por volta dos 17 anos, eu tive a oportunidade de entrar em contato com alguns livros sobre meditação e sobre sabedoria antiga. Além da dimensão intelectual iniciava-se nessa idade, um momento de grande experimentação através de práticas meditativas e veículos que conduzissem a outros estados de consciência. Eu fiquei fascinado, e percebi que sempre, desde a infância, me chamava a atenção as conversas sobre qualquer coisa que fosse paranormal e inexplicável que estivesse relacionada a mente humana.

Interessante é que quanto mais eu ia nessa direção, de descobrir os mistérios da mente, parecia que mais e mais eu me deparava com o Ser Humano e com sua complexidade. Tanto no yoga como no budismo existem os chamados *siddhis* (poderes da mente) ou *osabhiñña* (poderes supra-humanos), mas fui percebendo que esses

poderes eram brincadeiras de criança, mais difícil do que obtê-los, era obter uma compreensão sobre nós mesmos que nos permitisse transitar por este mundo se relacionando consigo mesmo e com as coisas de maneira apropriada. Quando digo apropriada estou falando sobre uma forma de agir onde minha ação seja benéfica para mim e benéfica para todos os inúmeros *Outros*, é o mesmo que dizer agir com sabedoria. Pode ser difícil dizer que uma ação seja benéfica a todos, é por isso que no budismo antigo se diz: “para o benefício de muitos”.

Me encantei pelas sabedorias, não só budista, mas de tudo que pude acessar do oriente e também de meus ancestrais indígenas. Tive pouco contato com a sabedoria de meus ancestrais africanos, mas isso é uma questão de tempo. Fato é que, apesar de me referir a sabedoria fazendo relação com um povo, eu entendo que a sabedoria emerge de cada ser. A sabedoria de ninguém pode se apropriada por outrem, elas podem até, em alguma medida, nos auxiliar a desenvolver a nossa própria sabedoria. A sabedoria emerge de uma experiência. É apenas quando tocamos o fogo, que passamos a saber que ele queima.

O que me inquieta é perceber que essa sabedoria, esses saberes que emergem ensinando os seres humanos a se relacionarem de forma amável com o mundo, não permeava o espaço da escola. E se aparecem, aparecem como mais um conhecimento, mais um software a ser instalado nos hardwares que estão em sala de aula. Digo isso porque tive aulas de ensino religioso, onde parecia que nós estávamos sendo convencidos a sermos boas ovelhas cristãs. Não se pensava na organização do espaço de modo a torná-lo propício para o desenvolvimento de nossa sabedoria. Penso que a sabedoria é como uma semente, não adianta nós conversarmos com a semente ordenando que ela germine, é necessário criar condições para que possa germinar. Aquilo me parecia mais um fascismo disfarçado, fascismo que se manifesta em todos aqueles que querem empurrar o “amor” goela abaixo de alguém ou formar (colocar na forma) para o “amor”. Meu palpite sobre esse fascismo é que ele emerge de um medo de não conseguirmos Amar aquilo que não se configura dentro de nossos ideais, aprender amar o diferente pode ser interpretado como algo tão difícil, que é melhor fazermos com que o *outro* seja igual a nós.

Para mim, o projeto lente aberta é um espaço que é frequentemente pensado e organizado para facilitar o desenvolvimento nossa essência sapiencial.

Penso que a reflexividade é instrumento valioso para nosso desenvolvimento, por isso neste ambiente, diálogos e questionamentos são nossos convidados especiais. Para se relacionar com o outro, entendemos que é preciso entendermos quem somos nós. Para isso convidamos as meditações e as motrivivências, para que possamos mergulhar em nós e contemplarmos nossa complexidade. Na medida que me examino e vou ganhando conhecimento do quão complexo eu sou, vou ampliando a possibilidade de entender quão complexo é o outro. Os outros vão deixando de ser óbvios, para se tornarem estranhos mundos a serem re-conhecidos, ao invés de rotulados.

O lente aberta não é um espaço para a difusão específica de um conhecimento, a escola já faz isso, nós não o faremos a menos que seja requisitado. Nós queremos simplesmente estar bem. Existe esse caráter terapêutico, nós queremos cuidar dos nossos jovens, queremos saber como eles estão vivendo esse processo árduo que é humanizar-se dentro de um sistema cultural que já estava aqui antes mesmo que eles chegassem a este planeta. Queremos conhecer seus sonhos e nutrir a coragem necessária para que eles busquem a realização dos mesmos. Queremos conhecer suas limitações e auxiliá-los a superá-las. Nós queremos construir juntos! Queremos Ser juntos!

Bom, acho que é isso Heloá, você sabe que se eu for falar do Lente Aberta deve dar uma série de livros, porque este projeto só se encerra quando todos os seres forem felizes!

.....

Embora estes três textos expressem os ideais, percepções e vivências singulares de cada um de seus autores, são notórias as confluências entre nós. Entretanto, é importante esclarecermos que os pilares do Lente Aberta foram definidos ao final do primeiro semestre de trabalho, em agosto de 2012, ao nos reunirmos para escrever um resumo expandido (ANEXO 2) para o GT sobre Educação em Direitos Humanos e temas afins da Semana Universitária de 2012 da UnB. Tais pilares sintetizam o trabalho desenvolvido até então. São eles: identidade, autonomia e construção coletiva.

Identidade, no que tange o autoconhecimento e o conhecimento do outro, reconhecendo a complexidade das relações produzida pelo “emaranhamento de ações, de interações, de retroações” (MORIN, 1994, p.274), já que, “nada está isolado no Universo e tudo está em relação” (Idem Ibidem, p.275). No processo de promover a auto-observação e a observação do outro, de conhecer-se e (re)conhecer o outro, é que o ser, na minha concepção, tem a possibilidade de se transformar e se aprimorar, a fim de conviver em harmonia com o mundo que o rodeia.

No que tange a Autonomia, tomo emprestada a reflexão de José Pacheco acerca deste conceito norteador do nosso trabalho no Lente Aberta:

“Autonomia não é um conceito isolado, nem se define em referência ao seu oposto – define-se na contraditória complementaridade com a dependência, no quadro de uma relação social aberta. O conceito de singularidade é próximo, mas situa-se aquém da autonomia, porque o reconhecimento da singularidade consiste na aceitação das diferenças interindividuais, enquanto autonomia é o primeiro elemento de compreensão do significado de “sujeito” como complexo individual. A autonomia exprime-se como produto da relação. Não existe autonomia no isolamento, mas relação eu-tu. Conclusão: a autonomia convive com a solidariedade.”(PACHECO, 2013, s/p)

Acredito que a partir de inquietações e espaços para a reflexão, do confronto com o outro, os educandos vão tomando consciência de seus ideais, vontades e cada vez mais sentem-se à vontade para naturalmente expressá-los, além de compreenderem que são responsáveis por cada uma de suas ações.

E, por fim, a Construção Coletiva de todo o processo desenvolvido a cada semestre. Segundo Freire (2004, p.111), se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo como de fôssemos portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Baseando-nos, assim no diálogo e na escuta sensível dos relatos dos estudantes para realizarmos as oficinas. Quando “a escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. (...) Ela compreende sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado.” (BARBIER, 2007, p. 94).

Unindo esses três pilares, pretendíamos uma troca, que possibilitasse a transformação do ser. Afinal, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2004, p. 23).

Portanto, o Lente Aberta se sustenta nos pilares mencionados, desde sua primeira experiência. Por meio da vivência durante esses três anos de desenvolvimento do Projeto, posso afirmar que são pilares essenciais para a vida em comunidade (comum-unidade) e respeito nas relações interpessoais no século XXI. Um viés sobre o qual discutimos, no âmbito dos três pilares mencionados, foi a cultura escolar, o *modus operandi* da escola e o cotidiano dos estudantes nesse contexto. Percebemos que a escola ainda trabalha muito pouco e de forma isolada e ineficaz para a transformação do Ser, o maior desafio em Educação:

“Para que a lagarta se converta em borboleta, deve encerrar-se numa crisálida. O que ocorre no interior da lagarta é muito interessante; seu sistema imunológico começa a destruir tudo o que corresponde à lagarta, incluindo seu sistema digestivo, já que a borboleta não comerá os mesmos alimentos que a lagarta. A única coisa que se mantém é o sistema nervoso. Assim é que a lagarta se destrói como tal para poder construir-se como borboleta. E quando esta consegue romper a crisálida, a vemos aparecer, quase imóvel, com as asas grudadas, incapaz de desgrudá-las. E quando começamos a nos inquietar por ela, a perguntar-nos se poderá abrir as asas, de repente a borboleta alça vôo. (EDGAR MORIN, 1996, p. 286)

METODOLOGIA DO PROJETO LENTE ABERTA

Durante os três anos de Lente Aberta, percebemos que tínhamos uma metodologia própria de trabalho. Alguns aspectos fomos aprimorando com o passar dos semestres e outros assumimos desde o primeiro semestre que facilitamos a oficina, desde 2012.

No planejamento da primeira oficina do semestre, geralmente pensamos em dinâmicas para conhecermos os integrantes do Lente Aberta e também para que eles possam se conhecer, já que nem todos fazem parte da mesma turma na escola. Daí em diante, planejamos o próximo encontro baseado nas experiências vividas no último encontro, ou seja, o último encontro faz o link com o próximo que planejaremos. Além disso, trabalhamos através de um espaço de construção coletiva, onde tudo o que os estudantes expressam é de grande valor para a nossa reflexão e composição do planejamento. Geralmente, nos reunimos exatamente depois do Lente Aberta para pensarmos nos temas e nas dinâmicas para o próximo e durante a semana vamos nos falando, quando novos insights e ideias surgem para compor o planejamento.

Ao chegarmos na escola, nos direcionamos até a coordenação para buscar a chave da sala e a primeira coisa que fazemos é ligar o som e deixar tocando enquanto recebemos os estudantes. À medida que nossos amigos vão chegando, começamos um trabalho cooperativo de retirada das cadeiras da sala. Formamos uma fila com pessoas dentro e outras fora da sala e vamos passando as cadeiras de um a um, até que o último coloque a carteira fora da sala, pois precisamos de espaço para realizar as atividades. O mesmo processo é realizado ao final da oficina, para retornarmos as cadeiras para sala. Durante os relatos sobre as oficinas, que estão no próximo capítulo, não vou me repetir dizendo que tiramos as carteiras da sala antes de começarmos a roda, mas saibam que praticamente todas os dias de PI, o fizemos.

Quanto à música, essa é um elemento fundamental para o nosso trabalho. Os estudantes trazem seus celulares e *ipods* com músicas que gostam para colocarmos para tocar e nós também temos músicas que eles curtem para deixarmos tocando na chegada e às vezes, no momento de saída, depois que a vivência termina. A música é também utilizada como parte das dinâmicas que propomos, sendo escolhidas por nós, para integrar a atividade, ora calma e lenta, ora agitada e animadora, dependendo do objetivo que almejamos.

Começamos o Lente Aberta em roda, a qual chamamos de Roda Inicial, com raras exceções, perguntando como cada estudante está se sentindo, deixando um espaço para expressão de sentimentos do dia. Quando necessário, recapitulamos aspectos do último encontro e por fim, explicamos o tema e/ou a atividade que faremos a seguir, exceto quando preparamos alguma surpresa e não contamos como será a atividade.

No que tange as atividades realizadas, quando necessário, fazemos combinados pontuais sobre cada uma durante a construção do planejamento e há também alguns combinados fixos para alguns tipos de dinâmicas; por exemplo, quando abrimos rodas de discussões, temos um combinado entre nós, animadores, de não direcionarmos o tema à nossa maneira, ou seja, não há certo nem errado e portanto, não interrompemos as falas afirmando ou negando o que os estudantes estão dizendo, por mais que tenhamos alguma opinião formada sobre o tema que está sendo discutido. Nesses momentos escutamos mais e deixamos que eles mesmos possam entrar em concordância ou em desacordo, fazendo com que a discussão flua de forma autônoma entre eles.

Temos também alguns combinados imprescindíveis com os estudantes, são eles: não é preciso pedir para ir ao banheiro, beber água ou sair da sala, pois cada um é responsável pelas suas necessidades; e quem não se sentir à vontade para participar da oficina, ou atividade proposta no dia, não precisa participar, pode ficar na sala observando ou sair, se desejar.

Ao final das dinâmicas, realizamos, geralmente, uma Roda de Compartilhamento, para que os estudantes possam se expressar, dizendo sobre as experiências durante a prática. Esse momento é de essencial importância para nós educadores, pois é onde o nosso trabalho está sendo avaliado e onde podemos perceber se alcançamos os objetivos, tanto nossos enquanto educadores, quando dos estudantes, enquanto construtores e condutores do processo.

No final de cada semestre, precisamos dar nota aos estudantes, afinal, o Projeto Disciplinar, que no CEAN funciona com outro conceito e nome, Projeto Interdisciplinar – PI, é uma disciplina obrigatória no currículo. Como a nossa proposta é de construção coletiva, no início do último mês de PI, costumamos abrir uma roda e conversar sobre o tema com os estudantes, para que eles possam nos dizer como querem ser avaliados. Esse momento geralmente é desafiador para os estudantes, pois a forma de avaliação mais utilizada dentro da escola é a prova ou teste. Então, quando nenhuma proposta surge, o que já aconteceu várias vezes, propomos a eles ou uma auto avaliação, onde

cada um se dá a nota que acha que merece, ou uma auto avaliação processual, na qual eles possam dizer, seja através de um texto, teatro, dinâmica sobre o seu processo no Lente Aberta; ou ainda, propomos que eles possam criar e oferecer uma oficina, uma dinâmica para os outros colegas do Lente, com uma duração de tempo menor. Nunca utilizamos o método de avaliação processual, mas a auto avaliação com nota e a criação uma oficina ofertada aos demais participantes já foram escolhidas e utilizadas como método de avaliação no Lente Aberta.

TRAJETÓRIAS DE UMALENTE ABERTA

ENCONTRO DA EQUIPE (2º semestre de 2014)

No início de agosto eu, Yuri e Victor nos reunimos para estruturarmos o Lente Aberta do segundo semestre de 2014. Começamos contando para o Victor sobre algumas experiências que tivemos no Lente Aberta desde 2013 até o primeiro semestre de 2014, pois durante este tempo ele ficou afastado do projeto dedicando seu tempo a outros estudos e se preparando para o mestrado. Após compartilharmos experiências positivas e negativas à cerca do projeto e dos grupos com os quais trabalhamos durante aquele tempo, passamos a definir alguns aspectos.

Primeiramente, decidimos que seria adequado trabalhar com o mesmo número de homens e mulheres, a fim de equilibrar os polos masculino e feminino durante as dinâmicas. Decidimos abrir vagas para oito mulheres e oito homens, totalizando dezesseis participantes, número compatível com o tamanho da sala e com o modo dinâmico no qual trabalhamos.

Posteriormente e nos baseando em experiências vividas em outros semestres do Lente Aberta, acordamos que seria interessante se ao final do semestre de oficina, os estudantes pudessem oferecer uma pequena oficina/dinâmica, utilizando o tempo que fosse necessário para tal. Essa ideia, porém, seria proposta aos estudantes e chegaria a sua realização somente caso eles se motivassem e concordassem.

Ao final, planejamos a recepção dos estudantes e uma vivência para o primeiro dia de oficina.

ENCONTRO ZERO (12/08/14)

O Lente Aberta estava marcado para recomeçar no dia 12 de agosto, numa terça-feira, como combinado com a coordenadora das oficinas do CEAN. Ao chegarmos na escola, nos deparamos com os portões abertos e alunos saindo da escola. Percebemos que havia algo diferente. Ao nos dirigimos até a coordenação, nos explicaram que no dia anterior, durante a reunião de professores, todos decidiram pela aplicação da prova da Olimpíada Nacional de Física e assim foi feito, sem nos comunicar.

Apesar de ser o terceiro ano de parceria com o CEAN, esta é uma situação recorrente desde o primeiro semestre de oficina. Às vezes o calendário escolar é alterado e não nos avisam, ainda que saibam nossos e-mails e números de telefone.

Como já estávamos na escola, aproveitamos para fazer um cartaz sobre a oficina informando o dia de início, 19 de agosto, e o número de pessoas, oito mulheres e oito homens. Fixamos este cartaz, junto com os de outras oficinas, no mural da escola.

1º ENCONTRO (19/08/12)

Agora sim, o primeiro dia de oficina! Alguns estudantes que já haviam participado do Lente Aberta do semestre anterior, ao nos verem, perguntaram onde seria nossa sala, para participarem da oficina. Entramos em uma sala, ligamos o som e deixamos a porta aberta para receber os estudantes que quisessem participar. Chegaram nove mulheres e dois homens para participar e se inscrever no Lente Aberta.

Como esperávamos mais gente e pensamos fazer um sorteio, caso o número de pessoas fossem maior do que o número de vagas, tínhamos planejado uma vivência intensa para o primeiro dia, assim, só ficaria quem realmente quisesse se aprofundar, se conhecer e conhecer os demais.

Com uma música calma de fundo e sentados em roda, iniciamos fazendo uma volta à calma, respirando profundamente e trazendo a consciência para o corpo, da cabeça aos pés. Em seguida, pedimos para os estudantes formassem duplas com alguém que não conheciam, ou que tinham pouco contato. Pedimos, então, para que eles reparassem nas características do(a) parceiro(a) à frente e fomos instigando-os, pedindo para que reparassem na expressão corporal da pessoa à frente e perguntando qual mensagem, quais emoções a expressão da outra pessoa transmitia. Solicitamos então que todos fechassem os olhos e gravassem tal informação.

Ainda de olhos fechados, pedimos que eles, ao abrirem novamente, olhassem agora somente para o olho do(a) seu(sua) parceiro(a). Dentre braços cruzados, olhares intimidadores, sorrisos tímidos, olhares se desviando, pedimos para que eles reparassem, naquele momento, como eles mesmos estavam se percebendo ao olhar para o outro, que sensações tal olhar reverberava em seu próprio corpo. Durante alguns minutos puderam se observar diante do olhar do outro e retornaram a fechar os olhos e gravar tal sensação.

Pela terceira e última vez, pedimos que todos abrissem os olhos mantendo o olhar no(a) outro(a) e solicitamos que encostassem as palmas das mãos com as do(a) parceiro(a) para, desta forma, dançarem juntos músicas de estilos diferentes. Após alguns minutos, pedimos que trocassem as duplas, mas mantivessem o olhar e as mãos em contato. Depois de mais alguns minutos, pedimos que eles dançassem sozinhos, variando entre músicas lentas e calmas, até músicas de ritmos acelerados, observando seu corpo, temperatura, movimentos e pensamentos.

Abrimos então uma roda para compartilhamento das experiências. Surgiram relatos como: “Senti a energia dela, no momento do olho no olho”; “ Me senti invadida e exposta quando ele olhou no meu olho”; “ Alegria, senti alegria quando olhei para ela”. Dentre os relatos, surgiu em uma fala o termo consciência e perguntamos o que eles entendiam por consciência. Escutamos resposta como: “é o estudo da mente, o estudo que você faz de si mesmo”; “é uma visão de mundo, não um estudo”; e, ao questionarmos se nós estamos sempre conscientes, uma estudante respondeu: “Não, tem coisas que fazemos sem pensar”.

Por meio dessa dinâmica, exercitamos o olhar sensível para o outro e o olhar para dentro, para si. De fato, trabalhamos a consciência, a percepção de nossas emoções, parte essencial para o exercício do autoconhecimento, partindo da observação e da auto-observação. E foi pensando no tema consciência que planejamos o encontro seguinte.

2º ENCONTRO (26/08/14)

Após recepcionarmos os estudantes e afastarmos as carteiras da sala, nos sentamos em roda, perguntamos como eles estavam se sentindo e relembramos um combinado importante do Lente Aberta, que é: ninguém precisa pedir permissão para ir ao banheiro, beber água, ou sair da sala, pois cada um é autônomo para decidir e fazer o que necessita, assim como, caso alguém não se sinta à vontade para participar de determinada dinâmica, também não precisa fazê-la, pode sentar-se e observar, ou sair da sala.

Revisitando o tema consciência, tema este de bastante valor e importância para todo o processo do Lente Aberta, iniciamos aquecendo e alongando o corpo a partir de asanas(posições) do Yoga. Brincando nas posições do guerreiro (virabhadrasana), da árvore (vrksasana) e da montanha (tadasana), fomos pedindo para que os estudantes

fechassem os olhos, respirassem e observassem as sensações do corpo, no intuito de trabalhar a consciência corporal.

Logo depois demos um tempo para eles beberem água e irem ao banheiro, para passarmos dois trechos do filme Matrix. O primeiro trecho é a cena onde Neo, o protagonista do filme, tem que fazer uma escolha entre a pílula azul que o fará esquecer do diálogo que teve com Morpheus e retornará a sua vida como se nada tivesse ocorrido; e a pílula vermelha que o fará entender o que é, real e verdadeiramente a Matrix. Nesse trecho, quisemos expor como cada um é responsável pelas escolhas que faz na vida, assim como, é responsável pelas consequências que cada escolha gera; e questionamos se as escolhas que os jovens estavam fazendo eram conscientes, ou seja, com uma reflexão prévia. Sem esperar respostas concretas vindas dos estudantes, somente deixamos o questionamento no ar.

O segundo trecho é uma cena onde Smith, um “soldado” da Matrix, dialoga com Morpheus, após tê-lo prendido, dizendo que os humanos não são mamíferos, pois os mamíferos instintivamente entram em equilíbrio com o meio ambiente, ao contrário dos seres humanos, que se multiplicam em uma área, até que todos os recursos se tornem escassos e então, para sobreviverem, mudam-se para outra área, realizando o mesmo processo. Ele conclui dizendo que outro organismo, na Terra, que segue essa mesma lógica, são os vírus, deduzindo que os seres humanos são como um vírus, uma praga no planeta.

Após a exposição desse último trecho, tínhamos pensado em um diálogo livre sobre o que tais trechos reverberaram dentro de cada participante presente, porém, sentindo que talvez ficássemos com respostas rápidas e sem muita reflexão, Victor propôs, de improviso e baseando-se no último trecho de Matrix, que os estudantes formassem dois grupos de discussão, um iria defender a ideia de que o ser humano é natureza e o outro defenderia a ideia que o ser humano não é natureza. Demos um tempo para que os grupos discutissem entre si argumentos de defesa sobre o seu tema, e depois abrimos uma “mesa redonda” (no caso, seria mais apropriado o termo “roda redonda”) para que os grupos pudessem dialogar. Nós nos posicionamos, a princípio, somente como observadores do processo e depois como mediadores, instigando o diálogo e a reflexão, porém, nos atentando para não defendermos ou negarmos qualquer um dos argumentos.

Os integrantes do primeiro grupo, que defendia que o ser humano não é natureza, expôs a crença que o homem já tenha sido natureza em algum momento da história, porém, discorreram como o ser humano tem se afastado da natureza, exemplificando com o processo de industrialização, que substituiu homens por máquinas e deixou várias pessoas desempregadas; uma ação, segundo esse grupo, desumana.

O outro grupo, o qual defendia que o homem é natureza, expôs que nós, seres humanos, somos animais, viemos e pertencemos à natureza, porém, pela ambição de transformar a natureza em objetos ou comida, o homem acabou se afastando da dela.

Por meio dos questionamentos que fizemos a partir das falas dos grupos, os integrantes foram refletindo sobre a humanidade, sobre as ações dos seres humanos no momento atual em relação à natureza e ambos concordaram que o homem, em essência, é natureza, porém, através da ambição, da ganância, do ego (como eles nomearam), o ser humano tem tomado atitudes que o afastam do seu “ser natural” e acabam podendo ter a escolha de destruir, ou não, a natureza. Ou seja, surgiu também o argumento de que o ser humano tem a escolha de fazer ou sentir-se parte da natureza e tal escolha faz com que ele possa se separar da natureza, ainda que, em espírito (como citou uma das estudantes), ele seja natureza.

A partir dessa dinâmica e diálogo os participantes puderam filosofar sobre aspectos da humanidade, tanto no passado, quanto no presente, sobre quem somos, ou sobre o que acreditamos que somos, sobre a importância das escolhas em nossas vidas. Enfim, puderam refletir sobre si mesmos e sobre os outros, pois nós somos a humanidade e no barco da dualidade, compreendendo o processo do ser, ou não ser é que vamos nos afinando e tomando consciência da nossa verdade interior.

3º ENCONTRO (02/09/14):

Em busca um novo mergulho no tema consciência, demos início ao Lente Aberta do dia. Porém, desta vez pensamos em trabalhar de forma mais introspectiva, através do silêncio e da auto percepção, já que nos dois últimos encontros havíamos trabalhado com reflexões, diálogo e expressão.

Começamos a oficina em roda, explicando que trabalharíamos com a energia mais yin, da calma, da intuição, do feminino. E sincronicamente, naquele dia, só havia um estudante do sexo masculino, nosso grupo se firmou majoritariamente feminino,

com quatorze meninas e um menino. Perguntamos se ele se sentia incomodado com isso e ele respondeu que de jeito nenhum.

Ainda na roda, perguntei se alguém sabia o que era “mandala”. Algumas pessoas responderam e eu complementei explicando que o termo mandala, em sânscrito, significa círculo sagrado ou círculo da essência, que as mandalas são muito utilizadas nas culturas orientais e uma das pessoas que trouxe trabalhos com mandalas para a América foi o psicólogo Jung (ROBERTSON, 1992), que trabalhava com elas para desvelar processos “escondidos” no subconsciente de seus pacientes.

Após a apresentação do termo, retomei, novamente, que a experiência daquele dia era dedicada ao silêncio, para podermos ouvir melhor a nossa voz interior e expliquei como seria a primeira dinâmica: em silêncio e deitados em círculo, todos assistiriam a 10 minutos de um vídeo projetado no teto da sala e anotariam em um papel, as sensações que fossem tendo e percebendo durante esses 10 minutos em silêncio.

Com a calma melodia de mantras e o vídeo de mandalas em movimento, todos começaram olhando atentos para as mandalas. Uma das participantes, com um pouco de dificuldade de se concentrar, mexeu no celular algumas vezes, mas nada que me incomodasse enquanto mediadora, pois esse era o processo dela, que inclusive ela explicou espontaneamente ao final da oficina. Dentre as outras pessoas, alguns dormiram durante a dinâmica, também super compreensível por conta do cansaço e da música relaxante.

Após um pouco mais de 10 minutos de vídeo, solicitei que todos fechassem os olhos, pausei o vídeo e pedi que fizessem uma respiração profunda, enquanto eu daria as novas instruções, e solicitei também que todos continuassem em pleno silêncio. Disse para abrirem os olhos, lentamente e dirigirem-se até o lado de fora da sala, onde haveria gizes de quadro coloridos, para cada um, no silêncio e em contato consigo, representarem a sua mandala interior em forma de desenho, no chão da escola.

Duas meninas sentiram-se acanhadas e preferiram não desenhar no chão, dizendo que não sabiam desenhar. Ainda que eu afirmasse que não era preciso saber desenhar, somente se expressar e que ninguém ali julgaria o desenho de ninguém, elas não se sentiram a vontade e preferiram sentar e observar os outros desenhando.

Depois que todos terminaram suas mandalas, retornamos até a sala para a roda de compartilhamento da experiência. Victor começou falando de suas impressões, já

que nem ele, nem Yuri participaram do planejamento desse encontro (Yuri inclusive não pôde estar presente no dia), pois eu pedi que fosse um encontro surpresa para que eles também pudessem participar da vivência. Ele disse que sentiu que todos experienciaram um processo de meditação, pois provavelmente, em alguns momentos os jovens estivessem tão envolvidos com as imagens, que não gerassem nenhuma forma-pensamento durante a prática. Também falou um pouco sobre o processo de criação, que não existia feio ou bonito, mas sim a expressão de sentimentos etc.

Abrindo a roda para outras pessoas se expressarem, ouvimos de mais uma menina, sobre a dificuldade que têm de se concentrarem e ficarem paradas. De outra pessoa escutamos: “eu acho que foi um momento de reflexão, na verdade, foi como uma conversa com a minha pessoa”. Ouvimos também, de duas pessoas, a explanação do sentimento de sono consciente, como se a pessoa estivesse dormindo, mas conectada com a música que tocava, estivesse também presente no espaço da sala. Outra sensação compartilhada foi: “Enquanto desenhava, me inspirei na essência da vida, do viver. Como sempre, foi uma experiência relaxante e interessante”.

Numa folha em que eles escreveram livremente sobre o que estavam sentindo enquanto assistiam ao vídeo das mandalas, surgiram depoimentos como: “Não consigo ficar muito tempo parada, acho que sou hiperativa. Mas é uma dinâmica muito boa e a *vibe* transmitida também. Depois prestei atenção e comecei a pensar na vida, em tudo e foi bom.”; “Senti muito sono. Me senti relaxada. Feliz. Vontade de tomar um papel (LSD). Refleti tudo o que fiz no começo do dia.” ; “Vontade de sorrir. Essa música é linda. Essa segunda nem tanto. Impaciência.” ; “O silêncio fez com que eu tivesse uma conversa comigo mesmo. Uma reflexão além do mundo superficial. E os desenhos foi um momento de distração”.

Dentre estranhamentos e aprofundamento, ficou claro pelas falas e escrita dos jovens, como eles estiveram atentos às sensações e pensamentos que se apresentavam em seus corpos e mente durante a oficina, através de uma experiência nova e desafiadora, no que tange o silêncio, para vários deles. Desta forma, conseguimos nos aprofundar um pouco mais no tema consciência, através da auto-observação.

4º ENCONTRO (09/09/14)

Ao final do 3º encontro com os jovens, Victor pediu para que eles escrevessem em um papel um tema que gostariam de conhecer e vivenciar no Lente Aberta. Dos temas surgiram: tarô; o mundo; consciente, inconsciente e autoconhecimento; o mundo hippie; dança; o universo dos Rastafáris; mantras, cada um desses temas sugeridos por uma pessoa; meditação, sugerido por duas pessoas e magia, sugerido por três pessoas.

Atentos aos desejos expressos, decidimos realizar uma oficina que abordasse algum desses temas (mantra, meditação, dança e autoconhecimento), com o foco em magia, tema que mais apareceu como desejo.

Iniciamos a roda compartilhando os temas que haviam surgido e depois dialogamos um pouco sobre o tema magia, perguntando para eles o que os remetia ao tema.

Como grupo de mediadores e entendendo o que cada um de nós três concebíamos como sendo magia, decidimos tratar o tema como algo presente em nosso cotidiano e não algo inalcançável. A partir do momento que pensamos em algo, estamos co-criando uma realidade, ainda que ela não seja tão clara no plano físico, e ao concretizarmos o pensamento em ação, torna-se visível tal co-criação, o que nem sempre acontece, pois nossa mente a todo o momento cria formas-pensamento e são essas formas-pensamentos, (intenção, ou energia, caso essas palavras se adequem melhor), que nós, animadores, concebemos como sendo magia (além da ação concreta). Porém, não é sempre que estamos conscientes da magia, da energia que movemos, e é aí que o Lente Aberta entra, no sentido de conscientizar-se de seus pensamentos, sensações e ações.

Victor começou trazendo os Pranayamas, técnicas de respiração para movimentar o Prana, a energia vital, para concentrar a mente, juntamente com os Bija Mantras (mantras dos chacras, ou, vocalizações que trabalham com cada um dos sete chacras). Depois dessas práticas, exercitamos cinco minutinhos de meditação, com o tronco ereto, focando a mente na respiração e deixando os pensamentos passarem, sem demonstrar apego ou aversão.

Após este momento de concentrar e acalmar a energia do corpo, vendamos os estudantes para que, sem o auxílio do sentido da visão, pudessem experimentar sensações por outros sentidos do corpo e pela dança. Seguindo a ordem e os elementos

representados pelos quatro primeiros chacras, além do auxílio do som e da dança, fomos guiando verbal e sensorialmente uma possível viagem pelo mundo dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar.

No elemento Terra, e também pela densidade da música colocada, quase ninguém se movimentou. Quando a música da Água começou a tocar, surgiu um pouco mais de movimento, mas ainda um movimento bem sutil, mais para água de piscina, que só se move quando recebe estímulos externos. Entrando no movimento do Fogo, que representa o poder e a força do guerreiro interno, foi a dança onde houve mais movimentação e animação dos estudantes. No elemento Ar, os estudantes voltaram a um estado mais calmo, mas se movimentaram mais pelo espaço, como uma leve brisa a soprar.

Finalizamos uma dinâmica com a carta do Mago retirada do Tarot Zen do Osho, onde tal carta é chamada pelo Mestre de “Existência”. Após pedir para que os jovens se sentassem lentamente e fizessem uma respiração profunda, comecei a ler:

“Você não está aí por acaso. A existência precisa de você. Sem a sua presença, algo estará faltando na existência e ninguém poderá ocupar o lugar. Isto é o que lhe confere dignidade: saber que a existência inteira sentiria a sua falta. As estrelas, o sol, a lua, as árvores, os pássaros, a terra – tudo no universo sentiria que um pequeno lugar está vago, o qual não pode ser ocupado por ninguém mais, a não ser você.

Isto lhe dá uma alegria enorme, uma comprovação de que você tem a ver com tudo o que existe, e de que a existência preocupa-se com você. Quando você está purificado e transparente, você poderá perceber uma imensurável quantidade de amor derramando-se sobre você de todas as dimensões.” (OSHO, s/d)

E completei dizendo de forma pausada: Isto - é - magia!

Depois de fazermos uma respiração profunda, todos tiraram as vendas e sentamos em roda, para uma rodada de compartilhamento de sentimentos experienciados e ouvimos: “Senti todo o meu corpo, eu tava sentindo ele assim, que eu queria gargalhar de felicidade”; “Num sei, foi bom, mas eu não fiquei com vontade de me movimentar (...) mas foi bom, fiquei mais calma, consegui prestar bastante atenção na minha respiração” ; “Eu senti várias sensações, como mudar a temperatura do meu corpo (...)” ; “Meu corpo tava se mexendo sozinho, e eu não tava conseguindo controlar.

Ficava com meu pé indo e voltando e aí eu ai meu Deus” ; “Eu também tava sentindo meu corpo indo sozinho, por isso que eu sentei, eu falei, meu Deus eu vou sentar, se não eu vou cair aqui e agora” ; “Eu senti meu corpo quente, muito quente, me deu vontade de dançar, aí eu dancei” ; “Eu tentei me soltar, mas eu tava com uns pensamentos que tavam me bloqueando, assim”.

Diante das falas que surgiram na roda pude perceber um objetivo novamente sendo alcançado: a consciência de seus corpos esteve presente durante a prática e os estudantes conseguiram sintetizar em palavras o que sentiram. Em outros grupos que participaram do Lente Aberta, a percepção corporal detalhada quase nunca aparecia, os comentários na roda tendiam a ser superficiais, como “eu gostei” “foi massa” “muito bom”, mas raramente eram expressas as sensações de uma percepção mais aguçada sobre sentimentos, como aconteceu nesse dia.

Victor compartilhou, ao final da roda, o desejo de que nas últimas semanas do Lente Aberta, eles, os estudantes, pudessem também oferecer uma oficina, assim como nós fazíamos e idealizou até mesmo a ideia de no próximo semestre o Lente Aberta ser um espaço onde os estudantes ministrassem o Projeto Interdisciplinar (PI), pedindo para que eles fossem refletindo sobre essa proposta e sobre possíveis oficinas.

Eu, então, para finalizar, retomei a questão da magia e perguntei se tínhamos trabalhado sobre o tema naquele dia. A maioria respondeu de forma duvidosa e pensativa que não. Reli o texto da carta de tarô e perguntei a eles se tal texto os havia tocado em algum sentido, ou o que eles, depois daquela experiência, entendiam ser “magia”. E responderam: “Eu acho que magia é o que você sente, o que tá dentro de você, por exemplo, se você quer, você vai conseguir. É o poder que tem dentro de você.” Tal afirmação, feita por uma das integrantes do Lente Aberta, sintetizou exatamente o que gostaríamos de passar como sendo o conceito de magia, onde a nossa vontade, a nossa intenção tem o poder de mover montanhas, tanto para o bem, quanto para o mal e daí nasce a responsabilidade e a importância da consciência sobre o que desejamos e fazemos.

5º ENCONTRO (16/09/14)

Planejamos para este encontro uma conversa, mediada por alguns vídeos, sobre o nosso poder de co-criação, no sentido que nossos pensamentos geram sentimentos que

se tornam concretos a nível material, por exemplo, quando alguém pensa ou fala “eu não consigo” esta pessoa provavelmente demonstrará resistência em se mover por aquilo que ela pensa ou diz não conseguir fazer. Abordaríamos este tema dando continuidade ao trabalho sobre consciência, transcendendo da consciência corporal, para também a consciência de nossos pensamentos e ações.

Ao chegarmos no CEAN, logo o porteiro nos disse que parecia que não haveria oficinas naquele dia, pois a equipe da limpeza estava em greve. Entramos e fomos conferir tal informação. Seguindo em direção ao corredor da coordenação, duas integrantes do Lente Aberta que estavam vindo de lá, passaram por nós e também disseram que não haveria oficinas.

Encontramos com a coordenadora das oficinas ainda no corredor e questionamos por que não haveria oficina. Ela nos respondeu que por conta da greve dos funcionários da limpeza, que fez com que a escola estivesse suja e também pelo enorme calor que fazia naquela tarde de seca em Brasília, os professores haviam decidido, no mesmo dia, suspender as oficinas; e no horário delas eles antecipariam as aulas do último horário, as que ocorrem, normalmente, após o horário das oficinas; e assim os alunos seriam liberados mais cedo. Logo após dar a explicação, já foi se justificando de que ela não tinha conhecimento dessa decisão anteriormente e por isso não nos ligou para nos avisar.

Rapidamente, após o diálogo com a coordenadora, algumas integrantes nos procuraram chateadas porque não haveria PI e uma delas, ali ainda na frente do corredor da coordenação, direção e sala dos professores, questionou por que não teria a oficina para a nova coordenadora pedagógica que passava, já que aquele horário era destinado às oficinas e nós estávamos lá para dar o PI. A professora respondeu que não haveria oficina porque ia ter aula. A estudante argumentou que o professor com quem ela teria aula após o PI não estava na escola e a professora tornou a responder que o professor de física já estava na sala para dar aula. A estudante olhou para nós e pediu que conversássemos com o pessoal da escola para darmos a oficina. Victor respondeu a ela, que se os estudantes quisessem as oficinas, eles mesmos deveriam se juntar e reivindicar isso, pois acreditamos que os estudantes são seres autônomos que podem e devem se expressar diante de suas inconformidades e é esta uma das vivências e espaços que proporcionamos no Lente Aberta.

Enquanto eu, Yuri e Victor dialogávamos, ali no mesmo lugar, sobre o que estava ocorrendo, volta a estudante e comenta com a tal professora que a sala de física estava lotada, com três turmas, insalubre e aquilo para ela não fazia sentido, diante do calor que fazia no dia; e questionou, em tom calmo e tranquilo porque não teria oficina. A professora, com tom arrogante respondeu “porque vai ter aula, porque vai ter aula” e saiu resmungando: “essa garota não entende”.

Pasmos com a situação, diante da falta de diálogo que a coordenadora demonstrou, colocando a decisão de não haver oficina, como algo inquestionável e nem sequer explicando, como a coordenadora das oficinas nos explicou, que era por conta do calor e da falta de limpeza da escola, ficamos ali comentando a situação junto com estudante. De repente, volta a coordenadora de dentro da direção mandando que a integrante do Lente Aberta procurasse a vice-diretora, pois ela seria mudada de oficina. Ora, se o CEAN diz ser uma escola inovadora, dentre outros motivos, porque implantou, por meio dessas oficinas, um espaço onde os próprios alunos podem escolher de qual delas querem participar, como é que num momento de desconforto, como forma de punição, se dão ao direito de mudar uma estudante de oficina somente pelo fato dela questionar e querer entender uma atitude que a escola tomou sem o consentimento, nem a presença dos estudantes?! Quanta contradição!

A estudante foi até a sala da direção, com tranquilidade, para saber do que se tratava e contou-nos que comunicaram que ela mudaria de oficina, sem mais. Pedimos para que ela, na semana seguinte, comparecesse ao Lente Aberta, para que pudéssemos depois conversar melhor sobre toda essa situação.

Surpresos e indignados - não de não podermos oferecer o Lente Aberta, mas sim com a postura da coordenadora diante de uma estudante questionadora - voltamos para a UnB para planejar o Lente Aberta seguinte. Concordamos em dialogar com os estudantes sobre o que ocorreu, sobre como todos se sentiram em não ter oficina e também deixaríamos aberto o espaço para propostas que pudessem surgir onde eles pudessem expressar, para a escola, o que acharam do ocorrido. Pensamos em abrir um espaço para reflexão do modus operante da escola, das posturas opressoras e também, como disse o Victor, um espaço para o “*artevismo*”, uma intervenção artística sobre posturas opressoras.

6º ENCONTRO (23/09/14)

Ou melhor, 6º desencontro. Novamente não fomos avisados que não haveria oficinas naquele dia, porém, como já estávamos dentro da sala onde daríamos o Lente Aberta, quatro meninas entraram e ficaram para conversar conosco sobre o que estava acontecendo, o porquê de não haver PI e como estavam se sentindo, etc.

Uma das meninas que estava conversando conosco, era a mesma menina que na semana anterior havia questionado sobre o fato de ocuparem o horário do Lente Aberta com uma aula. Ela nos contou que não a trocaram de oficina, como tinham dito, mas que ela recebeu três suspensões e uma delas foi pelo ocorrido naquele dia. Depois nos contou que a mãe dela compareceu a uma reunião com a diretoria e que eles decidiram retirar as suspensões.

Perguntamos se elas sabiam que não haveria PI no dia e todas responderam que não. Nos disseram que durante o primeiro horário entraram na sala avisando que naquele dia haviam faltado muitos professores e que, por conta da greve de uma empresa de ônibus, não tinha ônibus para muitos estudantes e, portanto iriam reduzir o horário novamente, retirando os PI's e passando a última aula do dia para o horário dos PI's, sendo que os professores de algumas dessas aulas haviam faltado no dia.

Dentre outras coisas, as meninas demonstraram a insatisfação delas perante as imposições da escola e a falta de conhecimento e participação dos estudantes nessas decisões.

DIA DE PROVA (30/09/14)

Neste dia não houve oficina, pois os estudantes estavam em semana de provas. Nós sabíamos, porque havíamos consultado o calendário escolar no início do semestre.

7º ENCONTRO (07/10/14)

Depois de três semanas sem Lente Aberta e diante dos acontecimentos das semanas anteriores, iniciamos o Lente Aberta simulando sermos professores opressores. Deixamos as carteiras da sala enfileiradas, como já estavam e respondíamos aos cumprimentos dos estudantes de forma grosseira, mandando eles se sentarem e fazerem silêncio. Mantendo uma postura arrogante, mandamos que os alunos respondessem

rápido a quatro perguntas que estavam escritas no quadro, a fim de que eles pudessem refletir sobre a escola: 1- O que estamos fazendo aqui?; 2- Para que serve a escola?; 3- Vocês estão satisfeitos?; 4- Se não, o que a escola deveria ser?

Depois que todos responderam, afastamos as carteiras para os cantos da sala e nos sentamos em roda. Quebrando o gelo, perguntamos se os estudantes gostaram de ser tratados da maneira arrogante e opressora, como simulamos. Eles responderam que não, então perguntamos se tais atitudes eram comuns na escola, pois nenhum deles questionou a nossa postura, somente fizeram o que mandamos. Perguntamos também se eles estavam satisfeitos com a escola e, quando a grande maioria respondeu que não, e começaram a relatar momentos dentro da escola onde se sentiram oprimidos e maltratados, Victor perguntou se eles podiam fazer alguma coisa a respeito de tais condutas opressoras e desagradáveis que eles presenciaram.

Uma estudante respondeu que todos os integrantes estudantes do Lente Aberta podiam escrever um texto com todos os “podres”, como ela disse, da escola, mandar para a Ouvidoria e chamar um canal de televisão para gravar uma matéria com os estudantes sobre o que eles quisessem reivindicar, pois relataram que não conseguiam dialogar com a equipe gestora e pedagógica da escola, quando reivindicavam alguns pontos pessoalmente. Victor então perguntou se alguém tinha uma ideia mais prática, que pudesse ser feita naquele dia mesmo, utilizando o horário da oficina e propôs que eles se dividissem em três grupos para pensar em propostas de intervenções artísticas, para dar credibilidade e escuta aos estudantes do CEAN que participavam do Lente Aberta, por parte dos gestores e dos professores da escola.

Sobre o tema da opressão, recorrente em ambientes escolares, ouvíamos reclamações desde quando o Lente Aberta começou e já o tínhamos trabalhado de várias formas, em alguns grupos, utilizamos o Teatro do Oprimido como ferramenta; com outro grupo, eles construíram uma *Zine* (ANEXO 3), onde em cada página os estudantes manifestaram em forma de texto e/ou desenho suas insatisfações etc. Porém, percebemos que tais movimentos não tinham muito sentido prático de transformação, pois os semestres passavam e as reclamações dos estudantes continuavam com o mesmo teor, por isso nós propusemos a eles fazerem uma intervenção artística, para que o movimento pudesse reverberar e talvez, agregar mais inconformados para dialogar por mudanças.

Então, o primeiro grupo propôs que todos fossem até o pátio da escola no horário do intervalo, fingindo que fossem animais e respondendo as perguntas de duas pessoas que representariam a coordenação e a direção da escola, somente com latidos e miados, tentando representar como eles se sentiam quando tentavam reivindicar algo dentro da escola e ninguém dava ouvidos. O segundo grupo propôs fazerem no intervalo um *FlashMob*, no qual grupos de pessoas representassem cenas opressoras que ocorrem dentro das salas de aulas e na escola e as pessoas que estivessem representando os estudantes, questionassem tais posturas durante a teatralização, para que o público pudesse perceber que eles devem questionar e não somente obedecer posturas que julgam inadequadas. O terceiro e último grupo propôs que todos vendassem os olhos e a boca com um pano, se dirigissem até o corredor da direção da escola e pregassem um cartaz escrito “não somos nada, podem passar por cima”, e que ficassem todos em silêncio, demonstrando como eles se sentem quando tentam dialogar ou reivindicar alguma coisa na escola.

Após uma votação, a terceira proposta foi escolhida por unanimidade e os estudantes começaram a se organizar com o que tinham no espaço para fazerem não mais uma intervenção artística, como havíamos proposto, mas eles queriam fazer um ato de manifestação pacífica, ou seja, que não houvesse violência, e assim foi feito. Conseguiram TNT's pretos e os cortaram para vendar os olhos e a boca, e cartolinas para escreverem a mensagem “Queremos ser escutados. Queremos respeito. Queremos educação. Queremos amor. Gentileza gera gentileza” e outro cartaz, “Pode passar por cima...”.

Numa mistura de medo e ansiedade todos se preparavam, combinando, com euforia, o passo a passo da manifestação que fariam dali alguns minutos. Um pouco antes do sinal do intervalo tocar, eles marcharam até em silêncio e deitaram no corredor que dá acesso tanto às salas da direção e da coordenação, quanto da sala dos professores. Deitaram e posicionaram os cartazes por cima de seus corpos.

Assim que a vice-diretora viu pessoas deitadas no chão à frente da porta de sua sala, foi até lá perguntar o que estava acontecendo, fez algumas perguntas e não obteve respostas. Então apareceu uma funcionária da escola e dois outros estudantes numa das pontas do corredor e leram os cartazes em voz alta, comentando pra passarem por cima mesmo, fazendo brincadeiras e debochando do protesto. Pouco tempo depois que o sinal do intervalo tocou, a notícia da manifestação se espalhou pela escola, e quase todos que

estavam na escola, dentre estudantes e professores, foram até as pontas do corredor. Segundo relato dos estudantes, muitos deslegitimaram o movimento, xingando e fazendo deboche dos que se manifestavam e somente algumas poucas pessoas gritaram em apoio a eles, que permaneceram os 15 minutos do intervalo deitados no chão em protesto às atitudes opressoras que ocorriam na escola.

Depois de 15 min deitados eles se levantaram e se dirigiram novamente à sala do Lente Aberta. Ainda muito eufóricos e se sentindo com raiva e chateados pelo fato de não terem sido compreendidos pelos outros estudantes, muitos começaram a falar ao mesmo tempo, dizendo que eles não entendiam que estavam reivindicando uma causa para todos etc. Nesse momento, Victor pediu para que todos fechassem os olhos, fizessem silêncio e observassem toda a energia que foi movida durante o ato que eles fizeram, pois essa parte da observação dos sentimentos e, no caso, sentimentos de raiva e angústia, é imprescindível dentro da oficina. Como nosso tempo havia chegado ao fim, Victor pediu para que os estudantes se acalmassem, respirassem profundamente e garantiu que conversaríamos sobre tudo que ocorreu naquele dia até o dia da oficina durante o nosso próximo encontro.

Depois de nos despedirmos dos integrantes do Lente Aberta, eu, Yuri e Victor fomos até a sala dos professores devolver a chave da sala e logo o diretor nos abordou, falando que levou um susto com o que aconteceu e pedindo para nós avisarmos quando formos fazer isso novamente, pois havia um funcionário com necessidades especiais na escola que quase surtou por conta da multidão que se aglomerou próxima a sua sala. Nós explicamos que o ato não foi premeditado, que a decisão dos estudantes em fazerem de uma intervenção artística, uma manifestação pacífica, surgiu naquele mesmo dia, no horário da oficina. E ele respondeu, que achou legal o teatro, mas pediu pra sempre avisarmos ele quando fosse ocorrer, por conta do funcionário, claro.

8º ENCONTRO (14/10/14)

No dia seguinte da manifestação realizada pelos integrantes do Lente Aberta, no dia 08/10/14, um representante do grêmio da escola postou no *Facebook* do CEAN uma nota em nome do grêmio em apoio à manifestação realizada:

“O grêmio sentiu necessidade em expressar sua opinião sobre o ato que ocorreu na tarde desta terça-feira. Como estudantes, achamos que seja de suma importância, o respeito mútuo dentro da comunidade escolar. Por meio deste, parabenizamos os estudantes pela atitude, que visa sensibilizar a todos, motivando os alunos a expressar suas opiniões.

Nós convidamos todos da comunidade escolar, a participar de uma "Roda de Conversa", visando debater os temas:

'Queremos Respeito!
Queremos Educação!
Queremos Amor!'

Será amanhã, dia 09/10, das 12:30 às 13:00 horas, na sala de múltiplas! Pedimos que cheguem cedo para cumprirmos o horário.

Obrigado a todos!

Obs: Alguém poderia nos passar o contato da oficina "Lente Aberta", para chamarmos também para a "Roda de Conversa"?"

O representante do grêmio conseguiu entrar em contato conosco no mesmo dia, porém, nenhum de nós três tinha disponibilidade para participar da Roda de Conversa marcada para o dia seguinte, mas respondemos dizendo que os estudantes que participaram da manifestação utilizaram o espaço da oficina para realizá-la, e nós apenas os escutamos e abrimos o espaço da oficina para que, se eles sentissem que algo poderia ser feito, utilizassem n espaço da oficina. Portanto, acreditávamos que mais importante que a nossa presença enquanto mediadores do Lente Aberta, era a presença dos estudantes que se manifestaram.

Infelizmente a Roda de Conversa acabou não acontecendo, pois o horário ficou ruim para muitas pessoas, mas o grêmio chegou a procurar alguns integrantes do Lente Aberta para entenderem o motivo da manifestação.

Um dia antes do nosso 8º encontro, eu entrei em contato com o representante do grêmio, pedindo para que ele fosse até o Lente Aberta do dia seguinte, 14/10/14, para que pudesse conversar com os estudantes sobre a manifestação e possíveis encaminhamentos.

No dia 14/10, na nossa oficina, conversamos com os estudantes sobre como eles se sentiram no dia da manifestação e contamos que talvez o representante do grêmio faria parte da oficina do dia, para encaminharmos o que foi gerado durante a manifestação. O representante não conseguiu ir naquele dia, então compartilhamos com os integrantes do Lente que a manifestação havia gerado uma abertura para que eles pudessem explicar com mais clareza à direção da escola o que eles estavam reivindicando e que seria importante que eles, além de reivindicarem alguns pontos, pudessem também escrever propostas para solucionar os problemas encontrados na escola. E perguntamos para eles, como nós poderíamos ajuda-los a mediar uma possível conversa entre a direção e os estudantes.

Passamos toda a oficina conversando e pensando em formas de como dialogar com a direção. Demonstrando medo e receio, os estudantes disseram que não se sentiriam a vontade para falar diretamente com a direção da escola. E posteriormente, demonstrando uma descrença em que as coisas mudassem, adicionada ao medo, muitos expressaram que talvez conversar com a direção não adiantaria nada, pois eles têm autoridade e não iriam fazer o que os alunos estivessem propondo.

Tentando mudar um pouco o foco do medo e da descrença, eu e Yuri relatamos alguns processos pelos quais passamos no nosso grupo PET, relacionadas ao autoritarismo do professor e como, realmente, leva tempo para ocorrerem mudanças, mas que o primeiro passo eles já tinham conseguido, pois chamaram a atenção de toda a escola, que sabia que alguma inquietação estava ocorrendo.

Algumas propostas então surgiram, uma delas foi a de que os estudantes fizessem um teatro e convidassem a direção e os professores para assistirem, em alguns intervalos culturais, representando cenas opressoras dentro da escola; outra sugestão foi a de uma caixa de sugestão, que ficaria num lugar visível para todos da comunidade escolar, onde as pessoas colocassem reclamações e sugestões e que depois esses papéis fossem lidos em público pela direção da escola, para que eles pudessem propor mudanças.

Reparamos, por meio das propostas que surgiram, que os estudantes estavam tomados por um intuito de expor, acusar e culpar os diretores e professores, justamente como Paulo Freire (1981) cita que o oprimido tende a virar o opressor. Por esse motivo, combinamos de na oficina da semana seguinte, pensar junto ao grêmio a melhor forma da direção da escola receber as reivindicações e as propostas dos educandos, sem que nenhuma das partes se sentisse exposta.

9º ENCONTRO (21/10/14)

Percebendo a intenção dos estudantes de certa forma em atacar a direção e o professorado da escola, planejamos uma dinâmica para que eles pudessem refletir sobre o lugar do outro numa relação de conflito. Para depois pensarmos junto com o grêmio, formas de mediar a comunicação entre estudantes e equipe gestora.

Pedi que os estudantes fizessem um semicírculo e eu, com um chapéu na mão, disse que na parte oca havia uma imagem e solicitei que um de cada vez fosse à frente para falar para todos sobre a imagem. O que eu havia colado no fundo no chapéu era um

espelho, portanto a imagem seria a própria pessoa que estivesse com o chapéu na mão, mas os estudantes não sabiam disso.

Um de cada vez foi à frente olhar e falar sobre a tal imagem e percebemos que várias pessoas se sentiam um tanto quanto intimidadas quando olhavam para o seu próprio reflexo. Muitos não sabiam o que falar, e os que falaram alguma coisa sobre eles mesmos, diziam somente aspectos superficiais, como “muito linda” ou “bacana” e por mais que instigássemos, pedindo pra que eles dissessem mais profundamente sobre a tal imagem, as respostas não saíram do superficial.

Durante a roda de compartilhamento que fizemos logo após a dinâmica, eles expressaram sobre a dificuldade de falarem de si. Yuri então perguntou se eles achavam mais fácil falar dos outros do que deles mesmos e todos responderam que sim. E fazendo um gancho com essas respostas, eu perguntei se quando eles julgam alguém, ou brigam com alguém, ou mesmo quando eles fazem caridade, se eles se olhavam no espelho, ou seja, se eles refletiam sobre tais ações e a maioria respondeu que sim. Perguntei então por que era tão difícil eles falarem deles mesmos e um estudante respondeu: “porque a gente não admite os nossos erros”. Complementei então dizendo que o outro é um espelho de nós mesmos, que é através do outro que conseguimos enxergar aspectos tanto positivos quanto negativos sobre nós mesmos e que, geralmente o que mais nos incomoda no outro, são os aspectos que nos incomodam em nós mesmos, porém, muitas vezes não conseguimos enxergá-los em nós, somente no reflexo, no outro. Finalizei dizendo que nós levamos essa reflexão porque nós conversaríamos com o grêmio sobre possíveis encaminhamentos para o diálogo com a direção e que é muito fácil julgar o outro e olhar pra fora, sem olhar para dentro. Sugeri que pensássemos com serenidade e amor no outro, e retornando a ideia do espelho, disse o famoso ditado: “Não faça com os outros o que você não gostaria que fizessem com você”.

Pouco tempo depois o representante do grêmio chegou, se apresentou e contou que estava ali em apoio a manifestação e os parabenizou pela iniciativa. Os estudantes explicaram para ele sobre o processo da manifestação, como a ideia surgiu e sua execução e repercussão durante a semana. Depois, em diálogo aberto, sem que interferíssemos muito, os integrantes do Lente Aberta contaram como eles se sentiram e como estavam se sentindo, contaram de suas angústias em relação a condutas de pessoas da escola e sobre a dificuldade de diálogo com a direção, muitas das quais o

representante do grêmio também sentia e entendia. A maior parte do tempo eles dialogaram entre si. Sentimos, como mediadores, que foi essencial naquele momento, onde os estudantes ainda necessitavam expressar como estavam se sentindo em vários aspectos, além de entenderem como o grêmio trabalha e como eles poderiam agir.

O intuito da presença do grêmio naquele dia era de sair um encaminhamento da melhor forma de conduzir um diálogo com a direção da escola, já que, depois da manifestação, a direção mostrou-se aberta e disposta a ouvir e conversar com os estudantes sobre suas reivindicações. Quando faltavam mais ou menos 5 minutos para o término da oficina, o representante do grêmio pensou em promover tal diálogo durante um intervalo cultural, o qual o grêmio tinha autonomia para pedir que acontecesse, e ficamos de combinar como seria o formato de tal intervalo na semana seguinte. Pedimos então para todos ali presentes fazerem um “dever de casa”, pensando em formas viáveis dos estudantes dialogarem com a direção da escola e, como proposta do grêmio, uma forma em que todos os estudantes do CEAN pudessem se expressar, ou ao menos participar do diálogo. O representante do grêmio afirmou que chamaria também para o este próximo encontro do Lente Aberta, na semana seguinte, os outros dois integrantes “ativos” do grêmio, para que definíssemos o formato do intervalo cultural e agradeceu a oportunidade de poder conversar com os estudantes.

10º ENCONTRO (28/10/14)

Neste dia, organizamos as carteiras da sala em roda para que pudéssemos, enfim definir o andamento da mobilização realizada há três semanas, naquela época.

Os três representantes do grêmio compareceram à oficina e afirmaram que já tinham conseguido combinar um intervalo cultural, com duração de 30 minutos, para que os estudantes, juntamente com o grêmio, pudessem dialogar com a direção da escola.

Depois de algumas trocas de ideias entre o grêmio e os estudantes do Lente Aberta com a nossa mediação, sempre ponderando e levando os jovens a refletirem sobre o respeito com o próximo e o diálogo (via que estava muito clara também para os integrantes do grêmio como sendo a melhor forma de agir), chegamos a um formato.

Para que todos os estudantes do período vespertino, quando aconteceria o intervalo cultural, pudessem participar do debate, o grêmio passaria naquela semana de sala em sala, explicando sobre a manifestação que ocorreu, sobre o diálogo que

aconteceria com a direção da escola e convidando os estudantes para DELE participarem. Para tal, entregaram um pequeno papel contendo um espaço para “elogios/críticas” e embaixo “sugestão de resolução para críticas negativas”. Depois de feito isso, recolheriam as respostas e descreveriam os pontos positivos e negativos mais recorrentes em uma carta à direção da escola, com a finalidade de manter os bons hábitos e repensar os hábitos considerados como negativos pelos educandos. Após o grêmio redigir a carta, entregariam à direção com alguns dias de antecedência do intervalo cultural, para que no dia do intervalo, tanto o grêmio pudesse ler a carta redigida, quanto a direção pudesse ter tempo de preparar uma resposta aos temas abordados na carta.

Durante o intervalo cultural, que aconteceria na sexta-feira da semana seguinte (07/11/14), eu e Yuri nos propusemos apresentar algumas músicas, com voz e violão, nos cinco primeiros minutos, para chamar as pessoas até a quadra coberta, onde aconteceria a leitura e a resposta da direção à carta do grêmio com os pontos citados pelos educandos.

Este foi o formato planejado pelos estudantes e pelo grêmio da escola, com a nossa mediação, com o intuito que todos os estudantes do 1º ano de ensino médio, série que funciona no período vespertino no CEAN, tivessem a oportunidade de se expressar e sentir-se contemplados no diálogo. O grêmio redigiria seus elogios, críticas e sugestões à equipe gestora da escola e posteriormente, todos estariam juntos no intervalo cultural planejado para que a comunidade escolar pudesse participar.

11º ENCONTRO (04/11/14)

Após um processo de três semanas de encontros de cunho politizado e de bastante uso do intelecto, do racional durante as rodas de conversas sobre as relações entre a direção da escola e os estudantes, optamos por aguçar e trabalhar o lado sensível do ser, no que tange os sentidos do corpo.

Victor, com os olhos vendados, foi explicando a dinâmica, pediu que os estudantes formassem duplas, de preferência com alguém com quem eles tivessem pouca intimidade e explicou que um ficaria vendado, enquanto o outro, sem vendas, apresentaria a ele(a) o mundo, por meio de outros estímulos sensoriais que não a visão: cheiros, texturas, sabores, sons etc.

Como os estudantes estavam um pouco agitados naquele dia, propus que Victor realizasse uma “volta à calma” ou um momento de respiração consciente antes de sairmos da sala. Assim fizemos e os estudantes se acalmaram e se mostraram mais presentes no espaço onde estavam.

Do lado de fora da sala, as duplas ficaram livres para explorar o grande espaço da escola. Depois de algum tempo, pedimos que as duplas trocassem de papel, o que estava guiando agora seria guiado e vice-versa.

Após mais ou menos 30 minutos de prática, todos nos sentamos embaixo da sombra de uma árvore para eles compartilharem a experiência. Uma menina que estava vendada disse que descobriu que existe um pé de amora na escola, mas ela não sabe onde fica; outras duas relataram que acharam difícil guiar, pois às vezes esqueciam que a outra pessoa não estava vendo e acabavam não sendo tão cuidadosas. Um estudante disse que quando nós estamos de olhos abertos, nós não prestamos muita atenção nos detalhes, nas coisas simples. Algumas meninas relataram que no início da dinâmica se sentiram um pouco inseguras, pois não conheciam muito a pessoa que as estava guiando, mas que depois foram se sentindo mais tranquilas. Logo depois uma estudante relatou que pensou muito nas pessoas cegas que têm cão guia, que tem que confiar num animal pra se locomoverem e que por isso que as pessoas na rua não devem brincar ou mexer com o cão guia para que ele não se distraia. Uma das jovens relatou sobre como foi mágico sentir uma gota de água escorrendo sobre seu braço e outra contou como foi especial sentir o cheiro de uma flor, sem saber instantaneamente que era uma flor, dentre outros relatos interessantes, como a maior intensidade do tato, dos cheiros, do que ouviam, do que provaram com o paladar.

Victor finalizou a roda compartilhando que a prática que mediamos serviu para exemplificar um pouco do que nós fazíamos no Lente Aberta, às vezes cegos e sendo guiados por eles, num processo de descoberta de coisas novas e outras vezes vendando-os e colocando-os diante de situações que eles não imaginariam viver.

Enfim, para que os estudantes pudessem ter a vez deles nos “vendarem” e demonstrarem seus talentos e potenciais, propusemos que eles mediassem as próximas oficinas e juntos, chegamos a um formato de como isso aconteceria. Quatro grupos se formaram e nas próximas três semanas, esses grupos se dividiriam para oferecer uma dinâmica ao coletivo.

INTERVALO CULTURAL (07/11/14)

Na mesma semana da oficina descrita acima, o dia tão esperado pelos estudantes do Lente Aberta que utilizaram três semanas de oficina para pensarem no formato do diálogo entre os educandos e a gestão da escola, infelizmente, não pude comparecer, porque estava de atestado com faringite aguda e sem voz. Mas sem grandes problemas, pois Victor e Yuri estariam lá para cantar, tocar e assistir ao diálogo entre direção e estudantes.

Os dois relataram que ao chegarem no CEAN no horário marcado para o intervalo, não viram nenhuma movimentação diferente. Quando o sinal tocou e os estudantes saíram das salas, Victor e Yuri não encontraram ninguém do grêmio, que também não atendeu aos telefonemas. Ao perguntarem para os integrantes do Lente Aberta sobre o intervalo cultural, eles disseram que se houvesse tal intervalo, o sinal teria tocado mais cedo, e portanto, os dois constataram que não haveria nenhum intervalo, nenhum diálogo e iriam embora. Afinal, aquela era uma sexta-feira, o Lente Aberta acontecia às terças-feiras, eles só estavam presentes para assistirem e darem apoio ao diálogo. Ora, mas o que teria acontecido? Nem Yuri e Victor, nem os integrantes do Lente Aberta estavam cientes do que estava, de fato, acontecendo.

Foi então que apareceu uma menina, que era muito amiga dos integrantes do grêmio, disse que os meninos do grêmio pediram para avisar que não poderiam comparecer e perguntou ao Victor e Yuri o que eles dois junto a ela fariam no intervalo, como se fossem eles os principais autores e mediadores do processo. Eles explicaram que, ao contrário, cedemos o espaço do Lente Aberta para os integrantes se manifestarem e se expressarem diante da escola. Depois, quando o grêmio entrou em contato conosco, sugerimos que eles procurassem os estudantes para explicarem a construção da manifestação que fizeram e cedemos mais uma vez o espaço do Lente Aberta para que o grêmio pudesse agir como tal, como representantes dos estudantes e, a partir das inquietações de seus colegas, eles pudessem promover um espaço de diálogo entre estudantes e direção, assim como planejaram. Infelizmente, no momento da ação se concretizar, eles sumiram e mandaram a amiga para promover o diálogo, junto aos mediadores do Lente Aberta, ausentando-se e deixando para nós solucionarmos os problemas entre estudantes e direção.

Foi realmente uma pena, Yuri e Victor foram embora desapontados com o fato, mas também desapegados, pois sabiam, assim como eu também sabia, que já tínhamos feito a nossa parte e dali em diante, seria responsabilidade do grêmio prosseguir.

Um dos integrantes do grêmio enviou uma mensagem ao Yuri na mesma tarde, pedindo desculpas e justificando a ausência dele e de outro integrante, dizendo que ele teve que ir ao hospital visitar um familiar que estava na UTI e o outro não tinha como chegar até a escola. Além disso, o menino complementou enviando uma versão mais recente da carta a ser apresentada para introduzir o diálogo, a qual não tinha sido enviada previamente à direção, o que não condizia com o objetivo inicial do planejamento construído pelo grêmio, de que a equipe gestora da escola pudesse ler a carta e preparar uma resposta pensada com tranquilidade; do contrário, apresentando a carta à direção somente no momento do intervalo, poderia parecer um tipo de golpe contra os gestores, o que distorce a proposta de um processo dialógico.

Medo, insegurança, imaturidade, não sabemos o que, de fato, fez com que nenhum dos outros dois integrantes ativos do grêmio comparecesse à escola, mas nós estávamos seguros de que não poderíamos prosseguir por eles. Afinal, trabalhamos pela autonomia de cada ser e se ainda não era possível para eles exercerem tal autonomia, tudo bem, nós entendíamos e daríamos continuidade ao nosso processo dentro do Lente Aberta.

12º ENCONTRO (11/11/14)

Desde este até o último, os encontros do Lente Aberta seriam mediados pelos estudantes. Para este dia que vos relato, estavam planejadas a mediação de dois grupos. Um deles não conseguiu se reunir, mas quiseram fazer uma oficina de improviso, sem planejamento prévio e pediram nossa ajuda com o som.

Esta primeira dinâmica, de improviso, começou assim: uma das meninas do grupo pediu ajuda de todos para afastarem as carteiras da sala, depois apagou a luz e começou a guiar através da fala, o que deveríamos fazer. Pediu que todos dançassem livremente, enquanto tocava um ritmo de *trance*, estilo musical vibrante e dançante que os jovens ali presentes gostavam muito. Depois de um tempo de dança, pediu que fechássemos os olhos e sentíssemos cada sensação que estava passando pelo nosso corpo e que nos atentássemos para o que o movimento causou dentro de nós. Depois de alguns minutos, com uma música calma tocando, ela disse que podíamos procurar na

sala um lugar em que nos sentíssemos à vontade para nos sentarmos ou deitarmos. Todos nos deitamos e ela pediu que fechássemos os olhos, e relaxássemos e falou para imaginarmos que éramos sementinhas, que cada pequeno movimento interferia no nosso crescimento. Solicitou que bem devagar todos nós nos posicionássemos como um feto no útero e depois de um tempo, pediu que fossemos nos encontrando com outras sementinhas. Juntas e unidas, ela disse que tínhamos que nos juntar bem grudadinhas, pois começaria a chover e nós, pequenas sementes, não estávamos prontas para recebermos uma chuva sozinhas. Quando todos estávamos juntinhos, ela falou que as sementes começaram, juntas e devagar a crescer, a nos tornarmos uma plantinha e, de repente, as plantinhas começaram a crescer rapidamente com a chuva que fazia e que todas tinham uma raiz única, unida. Todos nos unimos em um grande círculo-abraço, com pessoas no centro, no meio e nas bordas, abraçados permanecemos por alguns tempo, então ela pediu que todos observássemos a temperatura dos nossos corpos, o calor que fazia naquele núcleo e permitiu que nos separássemos, sentássemos e fechássemos os olhos mais uma vez para percebermos a energia movimentada.

Nessa prática maravilhosa feita de improviso pude perceber a afirmação do valor da consciência, da auto-observação, do voltar-se para dentro, além de também demonstrar o movimento de expansão e contração do ser, que a todo o momento morre e renasce como uma semente e se põe mais forte quando está unido com os demais. Foi para mim uma demonstração perfeita de uma prática realizada no espaço do Lente Aberta, abordando aspectos do ser e da humanidade, além de movimentar a consciência interna sobre cada ação e sensação.

Logo depois, o outro grupo do dia explicou como seria a dinâmica que eles ofereceriam. Do lado de fora da sala, as estudantes haviam preparado uma amarelinha numerada até o número 12. Cada número representava um mês do ano(1-janeiro, 2-fevereiro e assim em diante) e cada pessoa antes de pular, teria que escolher um mês, ou algum momento na vida em que foi marcante. Quando a pessoa pulasse a amarelinha, deveria parar antes do mês em que o fato marcante aconteceu em sua vida e deveria escrever com um giz o sentimento, fosse bom ou ruim, que sentiu durante o tal acontecimento, dentro do quadrado da amarelinha.

Revivendo a infância e outras lembranças, foi como pulamos aquela amarelinha, alguns mais felizes, outros um pouco desanimados, talvez pelo acontecimento que cada um se lembrou e deixou marcado no chão o sentimento. E dentre desespero, saudade,

carinho, felicidade, enrolado, sorte, morte, alegria, amor, fantasia e outros, foi como cada um de nós traduziu o sentimento de nossas lembranças.

Assim como o grupo anterior, este trabalhou com a auto percepção e consciência sobre os próprios sentimentos, temática que os jovens demonstraram necessidade e interesse em trabalhar, mas que, infelizmente, a escola pouco trabalha. Além disso, trabalharam também com a memória, criando um espaço para que as pessoas pudessem lembrar sobre acontecimentos bons e poderem, talvez, moverem atitudes boas no presente, como também lembrarem acontecimentos ruins e, talvez, poderem mudar ou desapegar de ações pessoais que levem a acontecimentos negativos. O grupo trabalhou também com a expressão e ao mesmo tempo o mistério, criando um espaço onde cada um pudesse expressar um sentimento de forma pessoal e com mistério, pois ninguém, ou quase ninguém sabia de onde ou como tal sentimento tinha surgido, gerando a curiosidade dos participantes em alguns momentos.

Ao final, durante uma rápida roda de compartilhamento, os colegas expressaram terem gostado das dinâmicas, as quais julgaram fazerem parte do contexto do Lente Aberta.

Após um ou outro depoimento na roda de compartilhamento, Yuri leu a mensagem do integrante do grêmio e explicou por que o intervalo cultural não aconteceu. Os estudantes se mostraram insatisfeitos com a atitude do grêmio, mas também não quiseram mover mais energia para solucionarem o problema “sozinhos”.

13º ENCONTRO (18/11/14)

Continuando as oficinas criadas e mediadas pelos estudantes, o grupo do dia trouxe a ideia de enterrarmos uma cápsula do tempo, para ser desenterrada depois de cinco anos, em 18 de novembro de 2019.

Para tal, pediram que todos nós escrevêssemos em um lado do papel que eles entregaram como nós éramos naquele momento, o que fazíamos, se namorávamos alguém, ou se estávamos apaixonados por alguém, e do outro lado que colocássemos nossos sonhos, o que desejávamos realizar nos próximos cinco anos. Além disso, o grupo revelou uma foto tirada na semana anterior, com todos os integrantes do Lente Aberta, para colocarem dentro da cápsula. No lado de fora da cápsula, todos nós assinamos nossos nomes.

Os jovens ficaram bastante animados com a ideia da cápsula e de se reencontrarem depois de anos para a abrirem.

Depois que todos escrevemos no papel quem éramos e como nos projetávamos dali cinco anos, fomos até a área verde da escola para cavar o buraco e enterrar a cápsula entre duas árvores do CEAN. Duas pessoas marcaram com passos a distância das árvores até o local onde a cápsula tinha sido enterrada e algumas pessoas gravaram a informação em seus celulares e meios eletrônicos para se lembrarem dessa informação preciosa, onde a cápsula tinha sido enterrada. Tiramos fotos do local e do processo de enterrar a cápsula para guardarmos de recordação. Uma das estudantes baixou um aplicativo no celular que conta os dias, até daqui cinco anos, quando nos reuniremos para abriremos a cápsula do tempo.

Todos os estudantes estavam muito animados e vários disseram já estar ansiosos para o grande dia do reencontro e para abrir a cápsula, ao meu ver, foi uma forma de “eternizar” as experiências vividas no Lente Aberta.

Ao retornarmos para sala, quando já estava próximo do horário da oficina acabar, combinamos de fazer um lanche coletivo de despedida do Lente Aberta, onde cada um levaria algum alimento para compartilhar na semana seguinte, pois seria o último dia de oficina, já que nas semanas de dezembro os estudantes estariam fazendo a última bateria de provas do ano.

Tal atividade me tocou em vários aspectos, primeiramente tivemos que escrever um texto dizendo quem nós somos, trabalhando a identidade e o auto conhecimento, tema essencial no Lente Aberta e depois outro texto dizendo sobre nossos sonhos e desejos, trabalhando com nossas perspectivas futuras e, de certa forma, fazendo com que repensássemos se estávamos construindo condições no presente para concretizarmos o que almejamos. Outro aspecto que me tocou foi que, a partir dessa atividade, pareceu-me que o Lente Aberta e seus integrantes foram tidos como um espaço de encontros com pessoas especiais, pois, por mais que os estudantes fossem de turmas diferentes, eles se identificaram e se constituíram como um grupo no Lente Aberta, afinal, quem gostaria de fazer uma cápsula do tempo e se reencontrar com pessoas que não marcaram a sua história? Foi interessante perceber nas entrelinhas como o processo vivenciado durante o semestre pelos estudantes teve sentido e significado na vida dos jovens e para tanto, eles quiseram, de alguma forma, prolongar essas lembranças.

14º ENCONTRO - ENCERRAMENTO (25/11/14)

No nosso último encontro, antes de confraternizarmos e lancharmos juntos, um último grupo mediaria uma dinâmica que criaram.

Solicitando que todos sentassem em roda, eles começaram explicando como seria a dinâmica. Com um barbante nas mãos, teríamos que jogar o barbante para alguma pessoa e falar algo sobre esta pessoa, “o que a pessoa passa pra mim”, ou contar sobre momentos que já teve junto a tal pessoa. E depois que recebeu o barbante, teria que jogá-lo para alguém que escolhesse e assim em diante, até que todos pudessem falar sobre alguém.

Dentre pessoas que estudaram juntas na infância e se reencontraram no CEAN, revelações, declarações de amor e muita sinceridade e carinho se deu a dinâmica proposta pelo grupo, a qual foi finalizada quando todos nós formávamos juntos uma grande teia, onde todos estávamos conectados. Foi essa a essência que o grupo quis passar nas palavras de uma das estudantes: “apesar das nossas diferenças, das nossas formas de pensar diferente, nós éramos um grupo lindo, onde cada um ali tinha algo especial e que se alguém ali soltasse o barbante, ou seja se alguém de nós não estivesse presente, o grupo não seria o mesmo.”

Após essa dinâmica linda, amorosa e muito especial para um dia de fechamento, ainda em roda, eu, Victor e Yuri agradecemos imensamente a divina presença de cada uma daquelas pessoas que ajudaram a construir o Lente Aberta (consequentemente também este trabalho). Contamos também que não sabíamos ainda se continuaríamos ofertando o Lente Aberta no CEAN, pelo seguimento que a vida de cada um de nós estava tomando daquele momento em diante. Os estudantes pediram que continuássemos a mediar o Lente Aberta, nem que fosse durante uma vez por mês fora da escola, em um dia do final de semana, em alguma quadra esportiva das quadras da asa norte, ou asa sul, proposta que achamos bem interessante e de um retorno fantástico para nós enquanto mediadores de um processo, que através dessas falas e dinâmicas apresentadas nos sentimos cada vez mais confiantes e seguros de que a educação está muito além dos conteúdos, muito além de quadros negros e paredes, pois está a todo momento, em todo lugar, basta estar consciente e com a lente aberta para perceber.

Por fim, comemos, dançamos, conversamos, rimos e nos despedimos para nos reencontrarmos pela vida, ou daqui a cinco anos, quando abriremos a capsula do tempo.

E Yuri complementou dizendo que o Lente Aberta não acabava ali, pois a vida era um grande Lente Aberta.

Nesse mesmo dia, os educados responderam a uma avaliação sobre o Lente Aberta (ANEXO 4) . A primeira pergunta era “o que é o Lente Aberta para você?” na qual apareceram respostas que faziam referência ao auto conhecimento, a liberdade de expressão, a um espaço onde interage-se com pessoas novas (pois pessoas de turmas diferentes participavam do Lente), também um lugar onde interage-se com assuntos e ideias novas etc. A segunda pergunta era se havia alguma diferença entre o Lente Aberta e as demais disciplinas ministradas no CEAN e em unanimidade os estudantes responderam que sim, enfatizando a amizade, o respeito, a liberdade e a igualdade de tratamento entre educadores e educandos no espaço do Lente Aberta, diferente do relacionamento entre eles e os professores da escola. A terceira pergunta era “Quais as reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?” e surgiram respostas como o maior conhecimento de si mesmo, questionar e lutar pelos nossos direitos, fazer amizades impensáveis, o modo de ver a vida e o mundo etc. Por fim, a quarta pergunta questionava sobre a nossa condução enquanto educadores, além de pedir sugestões para melhorarmos nossa prática, caso algo os tivessem desagradado. Em resposta, fomos muito elogiados pelo trabalho que realizamos, os estudantes ressaltaram principalmente o nosso modo sincero e compreensivo de lidar com eles, numa relação de amizade e as únicas sugestões que recebemos foi que continuássemos com o Projeto. Tal avaliação serve para nós como uma das formas de retorno e possibilidade de aprimoramento da nossa prática.

Ao final do semestre, obtive a autorização da direção da escola (ANEXO 5), tanto para o uso das imagens da escola, quanto para uso do nome da escola neste trabalho. Todos os estudantes participantes do Lente Aberta assinaram a autorização do uso da imagem (ANEXO 6).

AO INFINITO E ALÉM: REFLEXÕES

Em primeira instância, foi no Lente Aberta que aprendi a ser educadora e também a trabalhar em parceria. Parceria com os estudantes, ouvindo e observando atentamente o que eles necessitavam a cada semana que passava. E parceria com os outros educadores, meus irmãos do coração, onde a percepção de um complementa e auxilia no entendimento do outro, onde podemos dialogar, e juntos, encontrar a melhor forma de caminhar, de agir. É onde temos também a oportunidade divina de verdadeiramente aprender *com* o outro.

Muito emocionada e com lágrimas nos olhos é como eu me sinto quando recebemos dos estudantes esse retorno maravilhoso vindo das oficinas que eles criaram ao final, trabalhando com o lado sensível do ser, com sentimentos, lembranças, abordando a diversidade na unidade presente no grupo. Reflexos de um processo de autoconhecimento e do relacionamento verdadeiro com o outro desenvolvido durante todo o semestre, com o auxílio dos interesses e proposições deles mesmos.

Num processo com jovens como o Lente Aberta foi essencial que os temas dos encontros fossem escolhidos pelos estudantes, ou ainda, que resultassem dos seus interesses. Nesse último aspecto, cabe ao educador utilizar-se da escuta sensível (BARBIER, 2007) para poder captar e entender as necessidades de cada grupo.

Confirmei, por meio do Lente Aberta, o quanto nós, seres humanos, precisamos de espaços para a expressão natural do ser, para nos conhecermos. E porque não fazemos isso num espaço exclusivamente dedicado à educação?! Falta nas escolas espaços como estes, para a educação do ser. O relatório da UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, destacava, já em 1992, dentre os quatro pilares da Educação, o APRENDER A CONVIVER e o APRENDER A SER (UNESCO, 2012). Mais de 20 anos depois, esses pilares parecem ainda insignificantes no contexto das práticas educativas das escolas brasileiras.

Também a construção coletiva do processo educativo parece ser pouco valorizada. Só haverá interesse dos estudantes, se os conteúdos tratados fizerem sentido para eles, quando mostram e expressam suas necessidades e desejos. A partir daí o educador pode integrar tais vontades aos conteúdos e aí sim, o processo educativo fará sentido para o educando.

Outro aspecto que acho fundamental dentro das escolas são os espaços para os estudantes exercerem a sua autonomia e desta forma, começarem também a se responsabilizar por suas ações. Assim não estarão realizando ações porque alguém mandou autoritariamente, ou pelo dever de fazer, mas sim porque compreendem o intuito daquilo e são completamente responsáveis pelas suas escolhas.

Durante o Lente Aberta fazíamos muitas rodas de diálogos, espaço para os estudantes poderem se manifestar, expressar sentimentos, desejos e angústias, momentos onde tanto nós, educadores, quanto os demais estudantes, escutávamos atentamente cada expressão e dávamos um *feedback*, instigando reflexões, ou mesmo os estudantes dialogavam e criavam espaços de troca entre eles.

Tal construção e espaço para a autonomia do ser fez surgir, por exemplo, a manifestação contra atitudes de falta de escuta por parte dos diretores da escola. Os estudantes se mobilizaram e demonstraram sua insatisfação num ato de manifestação pacífica, expressando a autonomia do grupo em propor e decidir por tal ação.

No que tange o autoconhecimento, os estudantes relatam ao final da oficina, que durante os encontros puderam se conhecer melhor, reparar em coisas que não percebiam antes e sair da rotina, confirmando que esse é um processo que a escola não trabalha. Além disso, o processo de autoconhecimento é, para mim, uma chave para pararmos de buscar a paz, o amor e a felicidade fora de nós mesmos, pois é neste processo de encontro consigo mesmo, muitas vezes alcançado a partir do encontro com o outro, como nossos semelhantes, nossos espelhos, é que podemos compreender que está tudo dentro de nós e que a escolha pela paz, pelo amor e pela tão sonhada felicidade, encontra-se dentro de nós, basta que nos conheçamos e nos aprimoremos nessa busca interna, para acessar, em nós mesmos, tudo o que procuramos fora.

Para um educador implementar tal modelo inovador de educação, primeiramente, é necessário desidentificar-se do poder e da autoridade, pois esses são como castelos de areia, que só afirmam a dualidade e o distanciamento entre os seres. Construir coletivamente é abrir mão do ego, é querer ver o outro brilhar, é unir. Unir sentimentos para construir em união.

Enfim, por meio da experiência do Lente Aberta, posso afirmar que os espaços de autoconhecimento, expressão, reconhecimento e sensibilização do/ para com o outro, autonomia e construção coletiva são essenciais na vida dos seres humanos e precisam estar dentro da escola como prioridade. Afinal, de que vale continuar em um mundo de

dualidade e separação, quando se tem instrumentos, metodologias e sentimentos para criar um mundo de amizade e união?

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Para mim o futuro é um mundo de possibilidades, algumas previsíveis e outras tantas imprevisíveis.

Reverendo a minha trajetória enquanto educadora até aqui, início de 2015, e relembro de cada avaliação e resultado transformador obtido ao final dos semestres do Lente Aberta, sinto que gostaria de trabalhar para auxiliar as pessoas nos seus processos de auto descoberta, através de experiências às vezes tidas como incomuns e/ou inovadoras. Seria muito rico se eu pudesse fazê-lo dentro da escola, mas sinto-me livre para poder realizar tal ação em outros espaços, oferecendo cursos, por exemplo.

Além disso, tenho muita vontade de estudar mais a fundo a área da Medicina Tradicional Chinesa e Medicinas Alternativas.

A minha verdadeira intenção é unir educação e saúde, visando uma melhor qualidade de vida das pessoas que passarem por mim.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BERNARDES, Victor Lino. **Educação, indivíduo, cultura e sociedade: Da cidadania planetária à pedagogia da Terra**. Brasília-DF, Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996/2004.
- KRISHNAMURTI, Jiddhu. **Educação e o significado da vida**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.) **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- OSHO. **God is Dead, Now Zen is the Only Living Truth**.
http://www.oshorajneesh.com/download/osho-books/zen/God_is_Dead_Now_Zen_is_the_Only_Living_Truth.pdf
- PACHECO, José. **Dicionário de Valores**. http://porvir.org/wp-content/uploads/2013/10/Dicionario_de_Valores.pdf
- ROBERTSON, Robin. **Guia Prático de Psicologia Junguiana**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- STONE, Joshua David. **Os Mestres Ascencionados Iluminam o Caminho – Sinalizadores de Ascensão**. São Paulo: Editora Pensamento, 2005.
- UNESCO. **Educação: Um Tesouro a Descobrir**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

ANEXOS

ANEXO 1 – Primeiro Projeto escrito sobre o Lente Aberta

Projeto de Cultura Popular em Movimento Lente Aberta

**Universidade de Brasília
PET-Educação
Faculdade de Educação**

Resumo

O projeto visa instituir um espaço-tempo permanente de interação entre Universidade e Escola com a perspectiva de tecer diálogos que possibilitem uma tomada de consciência a cerca das questões e necessidades de nosso tempo histórico. Oficinas em diversas áreas como Teatro, Musicalização, Corporeidade, Origami, Educação Socioambiental dentre outras, farão parte da metodologia usada para a realização do trabalho.

Justificativa

O projeto parte da necessidade percebida pelos estudantes do curso de Pedagogia em se criar espaços de interação entre Universidade e Escola. A criação de espaços de diálogo por meio de oficinas é uma tentativa de auxiliar a escola a atingir os objetivos da educação versados no artigo 205 da constituição brasileira no que concerne a preparação do educando para o exercício da cidadania. O projeto busca o engajamento dos alunos e se propõe a utilizar-se de uma metodologia diferente das frequentemente usadas dentro das salas de aula, como o estudo de textos, trabalhos e avaliações que por vezes está alheia a realidade do aluno, gerando neste um sentimento de apatia em relação à escola.

Metodologia

Os encontros se dariam uma vez por semana no período da tarde e trabalharíamos com alunos de todas as turmas de ensino médio do turno matutino, sendo que não há obrigatoriedade na participação do projeto. Buscando o engajamento dos alunos optamos por uma abordagem interativa do conhecimento, utilizaremos oficinas de musicalização, corporeidade e expressão corporal, teatro, origami, alimentação saudável, exibição de filmes, brincadeiras, dinâmicas, jogos cooperativos dentre um série de outras ferramentas para tornar o trabalho mais dinâmico.

Também faz parte do trabalho a escuta das vozes do estudantes, buscando compreender seu universo e suas necessidades possibilitando assim um processo de construção coletiva de oficinas ao longo do processo.

Publico Alvo

Estudantes do ensino médio do colégio CEAN.

Período de Realização

Primeira etapa: Maio a junho de 2012.

Segunda etapa: Segundo semestre de 2012.

Objetivo Geral

- Criar uma via de interação entre estudantes da Universidade e Escola.
- Auxiliar no processo de construção da cidadania do educando e do educador.

Objetivo Específicos

- Abordar temas que estão nos DCN's, mas que frequentemente não abordados no currículo escolar.
- Resgate da dimensão lúdica no cotidiano escolar.

Referencial Teórico:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação como Cultura. Rio de Janeiro. Editora Brasiliense, 1985.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1921

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2002. Belo Horizonte, Autêntica.

ANEXO 2 – Panfleto e Resumo Expandido apresentado na SEMEX UnB de 2012

<p>GT II: Direitos Humanos em espaços escolares</p> <p>Mediadoras: Professoras Ana Tereza Reis da Silva e Nair Bicalho.</p> <p>Direitos humanos LGBT e as políticas públicas de enfrentamento à homofobia nas escolas.</p>		<p>Foto: Arnold Baum Gartner/Divulgação) da exposição Coração e Paz realizada no Museu da República em 2012 com 20 obras criadas pelo grupo Matizes Dumont (Minas Gerais) inspiradas na obra <i>Guerra e Paz</i> de Cândido Portinari.</p>	<p>Universidade de Brasília Semana Universitária 2012</p>		<p>Ensino, Pesquisa e Extensão em Direitos Humanos</p> <p>26 de outubro de 2012</p> <p>Sala Papirus (Faculdade de Educação-UnB)</p>
<p>José Zuchiwschi (FE-UnB)</p> <p>Relações étnico-raciais e Direitos Humanos na Educação.</p>	<p>Anderson Diniz Galvão</p> <p>Formação de professores em Direitos Humanos: uma responsabilidade de prática social e emancipatória.</p>	<p>Comissão organizadora:</p> <p>Profa. Dra. Ana Tereza Reis da Silva (FE/Unb) Prof. Dr. Alexandre Bernardino Costa (FD/UnB) Profa. Dra. Nair Heloisa Bicalho de Sousa (SER/UnB). Prof. Dr. Roberto Goulart Menezes (IREL/UnB).</p> <p>Apoio:</p> <p>PET-Direito PET-Educação Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos - CEAM-UnB</p>	<p>Contato: semana2012unb@gmail.com</p>		
<p>Deise Ramos da Rocha</p> <p>Oficina lente aberta: diálogos pela construção da autonomia.</p> <p>Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante, Victor Lino Bernardes e Yuri Mello Bonfim</p>					

<p>O objetivo da Mesa-Redonda e do Grupo de Trabalho é debater os desafios relacionados ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão em Direitos Humanos.</p> <p>A mesa-redonda será composta por professores da Universidade de Brasília que trarão contribuições recentes na área de Direitos Humanos.</p> <p>O Grupo de Trabalho contará com a apresentação oral, submetidos como resumo expandidos, sobre Direitos Humanos, Educação em Direitos Humanos e temas afins.</p>	<p>26 de outubro, das 9h às 12h (Sala Papyrus – FE)</p> <p>Mesa-redonda : Ensino, Pesquisa e Extensão em Direitos Humanos.</p> <p>Mediador: Prof. Dr. Roberto Goulart Menezes (IREL/UnB)</p> <p>Debatedores/as: Prof. Dr. Alexandre Bernardino Costa (FD/UnB, Tutor do PET- Direito); Profa. Dra. Ana Tereza Reis da Silva (FE/UnB, Tutora do PET-Educação); Prof. Dra. Nair Heloisa Bicalho de Sousa (SER/UnB, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos/CEAM/UnB).</p>	<p>20 de outubro, das 14h às 18h</p> <p>GT I: Direitos Humanos em espaços não escolares.</p> <p>Mediadores: Profs. Roberto Goulart Menezes e Alexandre Bernardino Costa</p> <p>O posicionamento político da China sobre os direitos humanos no debate entre cosmopolitas e comunitaristas. Lucas Ferreira Cacau de Sousa</p> <p>Gênero e Pobreza na América Latina hoje: uma leitura a partir da Economia Feminista. Larissa da Silva Araújo</p> <p>Promovendo Educação e Retratando os Direitos Humanos na Cidade de São Sebastião - DF Adriana Silva Alves</p> <p>Educação profissional inclusiva no Instituto Federal de Brasília: Ações para o atendimento ao aluno surdo. Alessandra do Carmo Fonseca e Gislane Maria Ferreira Florindo</p> <p>Direito Constitucional, Diretores Humanos e Bioética: a intervenção do Estado brasileiro no indivíduo, sob a ótica da biopolítica. Liana Da Luz Costa</p>
--	--	--

OFICINA LENTE ABERTA: DIÁLOGOS PELA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

Heloá de Carvahó Werkhäuser Escalante*
Victor Lino Bernardes *
Yuri Mello Bonfim *

Resumo

Como alternativa a um processo de educação bancária, estudantes do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação desenvolveram o projeto Lente Aberta, que tem como propósito desenvolver um processo educativo que tenha significado para aqueles que dele participam. Para tanto, o projeto se baseia no diálogo e na escuta dos interesses dos alunos, de modo a evidenciar os elos entre os seus questionamentos e a realidade cotidiana.

Palavras - chave: autonomia, construção coletiva, currículo, educação, identidade.

Resumo expandido

1.INTRODUÇÃO

O projeto Lente Aberta é uma iniciativa dos integrantes do Grupo PET-Educação da Universidade de Brasília. O projeto surgiu a partir de reflexões feitas no curso de pedagogia sobre o cotidiano escolar. A proposta direciona-se aos estudantes do 1º ano do Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN), que aderiram ao projeto após assistirem a uma apresentação sobre os aspectos que seriam abordados na ação, dentre os quais se destaca a construção coletiva de um processo de aprendizagem que tenha significado para seus participantes.

O Lente Aberta configurou-se como um ambiente de discussão livre, baseado nas dificuldades de comunicação entre os estudantes e as instâncias administrativas da escola. É também um espaço de encontro com o silêncio, de relaxamento do estresse que o “currículo escolar inchado” apresenta. É onde os estudantes tem voz, e sem serem coagidos por julgamentos, podem expressar suas ideias não só sobre o cotidiano escolar, como também sobre o acontece fora deste, desvelando suas personalidades e reconhecendo suas identidades.

2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os aportes teóricos para a construção do projeto são as Teorias Críticas e Pós-críticas do Currículo, que compreendem o currículo em sua dimensão política, ou seja, como um campo de

*Pesquisa do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (PET-Edu/UnB)

*Estudante da Pedagogia da Universidade de Brasília e integrante do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (PET-Edu/UnB) – Email:heloa.escalante@gmail.com

* Estudante da Pedagogia da Universidade de Brasília e integrante do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (PET-Edu/UnB) – Email:victorlino.bernardes@gmail.com

* Estudante da Pedagogia da Universidade de Brasília e integrante do Programa de Educação Tutorial da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (PET-Edu/UnB) – Email:fiqueavontade@gmail.com

relações de poder influenciado por interesses políticos e econômicos. A Teoria da Complexidade de Edgar Morin, especialmente como abordada em seu livro “Cabeça Bem Feita”, também norteia o processo criativo na tentativa da construção de um conhecimento que não seja mais fragmentado, que não conceba as áreas do conhecimento como fechadas, mas que busca sempre suas intersecções e se esforça para evidenciar os elos existentes entre todas as áreas de conhecimento e a realidade vivida. O patrono da Educação Brasileira Paulo Freire e sua Pedagogia da Autonomia são nossas raízes no processo de fomentar nos educandos um espírito de inquietação, questionamento, investigação e manifesto de sua dimensão autônoma em resposta àquilo que se apresenta como desafio a ser superado. A metodologia de Pesquisa-ação de Renée Barbier também é usada para auxiliar-nos na construção, avaliação e reconstrução das oficinas.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto tem sido realizado em formato de oficina no turno regular, durante uma hora e meia por semana, no período vespertino. As oficinas iniciais visaram à integração do grupo. No segundo momento as oficinas foram se constituindo a partir das discussões e questionamentos que surgiam nas vivências. Questões como as relações de poder, constituição da identidade, o papel da escola na formação dos sujeitos, respeito e diversidade cultural foram assuntos suscitados nesse espaço e, assim, fundamentaram a construção das oficinas.

Ao final do processo os alunos avaliaram as oficinas que duraram cerca de três meses. Pedimos a eles que relatassem as mudanças ocorridas em sua condição de sujeito. Foi interessante notar nas fichas de resposta, a unanimidade da ideia que sugeria que os alunos estavam dispostos a “ouvir mais”. No sentido de ouvir aquilo que o *outro* fala, mesmo que seja algo totalmente diferente daquilo que pensam, representando assim a compreensão de que o outro é um sujeito que tem o seu direito e local de fala. Outro ponto também realçado para alguns educandos foi o fato de que, em decorrência dos encontros, eles se sentem mais confiantes para expressar suas ideias. Além disso, houve relatos de estudantes que se sentiam mais confiantes para “serem o que são”. Os educandos sinalizaram estar mais atentos as suas atitudes nos seus espaços de convivência, família, escola etc.

Outra dimensão desse processo foi a de observação do exercício da docência. Estávamos na grande maioria dos encontros em número de três, tornando possível um contínuo processo de avaliação/reconstrução de nossa prática docente. Percebemos que tal prática exercida por mais de um educador é um desafio.

No processo de avaliação da oficina pelos educandos eles sinalizaram a necessidade de inserção de práticas semelhantes às que acontecem na oficina, no cotidiano escolar. Recebemos críticas sobre o fato de estarmos mais dentro de sala do que em espaços abertos e foi proposta a realização de oficinas a céu aberto.

4.CONCLUSÃO

No Lente Aberta, lidamos com a dificuldade de suscitar um espírito crítico nos educandos que, cotidianamente, são submetidos a uma educação bancária. Essa educação demonstra sua eficácia quando neutraliza no educando sua habilidade e disposição para manifestar suas ideias e leituras de mundo. Com efeito, percebemos o quanto a educação bancária constitui um limite para se fomentar nos educandos o livre pensar e a manifestação autônoma de suas vontades e desejos. Mesmo quando se coloca essa atitude como fundamental para constituição do sujeito, os estudantes demonstram certo constrangimento para sair do seu lugar de conforto e se colocar sem receio diante de seus pares. Por fim, o projeto está sendo reformulado em consonância com a avaliação dos participantes e uma nova etapa terá lugar no segundo semestre de 2012.

5.REFERENCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985

SILVA, Tomaz Tadeu da - **Documentos de identidade; uma introdução às teorias de currículo** - 3ª.Edição - Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 36º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

ANEXO 3 – Zine produzida pelos integrantes do Lente Aberta no segundo semestre de 2013.



Lente Aberta



Sem choque
não há
Mudança...



Estamos em busca de
um lugar melhor, afinal
esta é nossa segunda
casa, isto é, devemos nos
sentir bem aqui, muita
coisa tem que mudar, e nada
acontece do dia para noite, por isso
vamos a luta.



Amor

Positive

Vibrations

PAZ

UNIÃO



4. Freedom in CEAN

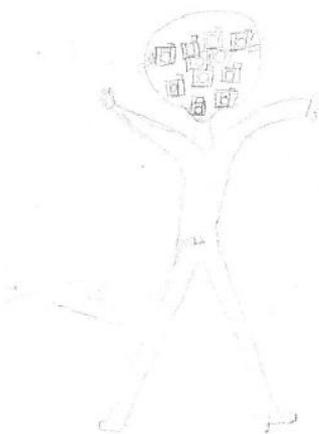
Como colunas, tenho mais direitos como qual-
 quer outra cidade. O CEAN possui os "regras", não po-
 mos fazer praticamente nada, na época da mesa não
 obtivemos nada de novo e sem de alguma forma a ficar
 mandando no lado unipolar. A direção impede os alu-
 nos em alguns aspectos que uma cidade não tem
 liberdade, como por exemplo: na falta de projetos, os
 alunos não podem ser liberados, por decisão do
 conselho, por conta de alguns alunos ficaram
 no famoso bloco "B", fumando, bebendo, dentre
 várias outras atividades que são feitas por vários
 indivíduos, e por esse motivo não somos libera-
 dos.

A direção e a coordenação dizem an-
 tando que estamos conhecendo o mundo como
 é realmente, RUIM, CRUEL, EGOÍSTA, DESTRUIDOR,
 como se diz o velho ditado "Quem não
 prende um caso, o mundo ensina", entender
 também que estamos nos tornando adultos e
 por isso temos que ter liberdade suficiente.

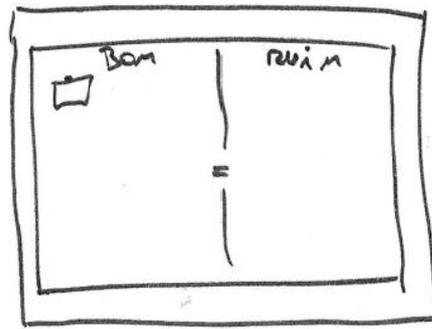
para conhecer como realmente a vida é...

h
 IGUALDADE
 VIBE
 ESTUDANTE
 RAZÃO
 DIREITO
 AMIZADE
 DIVERSIDADE
 ATITUDE

LIBERTÉ-S E

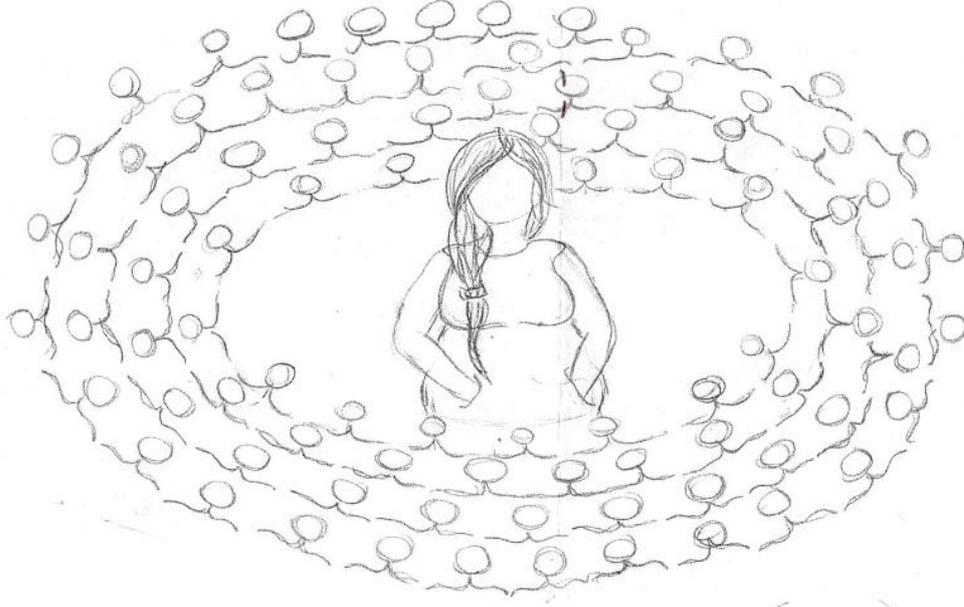


QUADRO ACHO BOM / ACHO RUIM

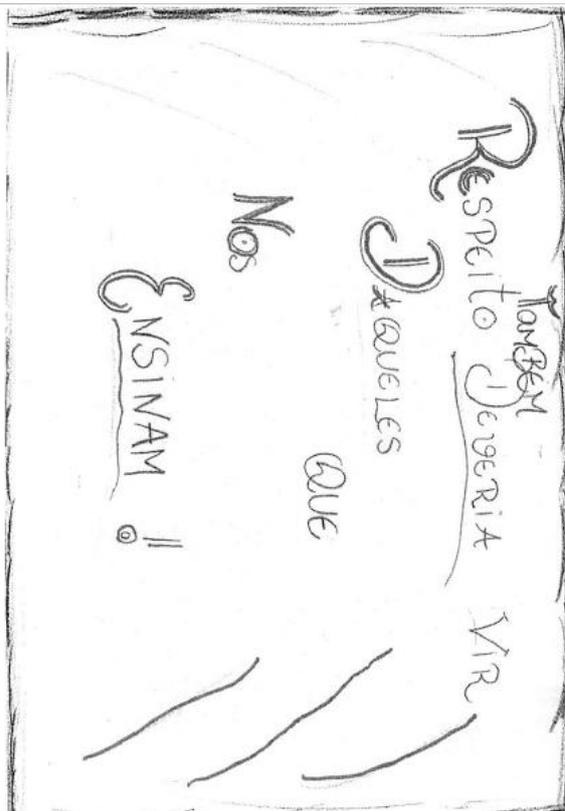


QUADRO DE CRÍTICAS E SUGESTÕES
 DO CEAN.

Quando todos (as)



usamos um(a)



Não somos máquinas, não aprendemos tudo.

MENOS



FALATÓRIO

MAIS

ENSINAMENTO...

As salas ficam mais interessantes quando se ensina de novo. Mantém mais dinâmica, que não somente os textos e mais textos.

Liberdade
 pra
 dentro
 do
 coração



Toda e qualquer decisão da escola, reflete em seus alunos, numa ambiguidade reciproca onde os alunos afetados geram consequências para melhor convivência e harmonia não é necessário nada mais que o bom e velho Diálogo...

respeito
 HUMILDADE
 POR PARTE DE
 TODOS
 Procure-se com o próximo como se fosse você, viva a vida como se cada momento fosse o último
 Permita-se. AME, VIVA!
 diálogo

*AMOR = Guerra
 simplicidade

Músicas:

Respeito
 por
 Parte e

Não se julgue melhor
 todos somos
 iguais

Menos hierarquia
 Mais consciência
 e
 Igualdade

Gentileza
 Gera
 Gentileza

Todos

Gentileza
 Gera
 Gentileza

*Lembre: Você colhe o que Planta.

Apoio: 
MÚSICA DO OPRIMIDO



ANEXO 4 – Avaliação do Lente Aberta no segundo semestre de 2014

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: ISABELA DINIZ

Turma: 204

Idade: ~~11~~ 10

O que é a oficina Lente Aberta para você?

Uma oficina que trabalha com seu "eu".

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?

Se sim, qual (quais)?

Sim. A dinâmica em sala, o respeito, a união e mtos outros.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Me fez ter reflexões momentâneas as quais não me recordo

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Muito bom

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Marino Rito*

Turma: *1 H*

Idade: *19 anos*

O que é a oficina Lente Aberta para você?

A união de novas ideias, pensamentos e opiniões que se tornam um só.

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?

Se sim, qual (quais)?

Com toda certeza, o bom do lente aberta é a interação do professor com o aluno que acaba se tornando livre e aberto, sem diferenças de classes, mas sim tudo igual, afinal todos somos iguais.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

O maior conhecimento de mim mesma, aprender a conhecer novas opiniões, lutar pelos meus direitos, ter um conhecimento mais abrangente sobre todos os temas e é isso.

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Maravilhosa! Quanto mais educadores assim, mais evolução teremos no mundo, no planeta e em todos os lugares, auto conhecimento e diálogo é uma coisa que devemos levar em primeiro lugar sempre.

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: Mariana Albuquerque
Turma: 1^ªH
Idade: 17

O que é a oficina Lente Aberta para você?

Um lugar onde eu pude me expressar,
uma "aula" diferente.

**Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?
Se sim, qual (quais)?**

Sim. Aqui não tem a "repressão" de estar
na escola, é uma oficina realmente pra você
se "encontrar".

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Enxergar melhor a vida, abriu minha mente.

**O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem
alguma sugestão a fazer?**

Eles são ótimos. Compreensivos, sabem
conversar com os alunos.

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: Marina dos Santos Castro Seabra
Turma: 1º G
Idade: 17

O que é a oficina Lente Aberta para você?

Uma aula diferenciada, que aborda assuntos interessantes.

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?
Se sim, qual (quais)?

Claro! Toda a diferença, começando pelo número de professores, pela "disciplina"...

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Algumas, mas nada do que eu já não tenha procurado saber...

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Que continuem com o projeto, pois é muito bom.

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Andina Rainoh*
Turma: *15*
Idade: *16*

O que é a oficina Lente Aberta para você?

O espaço que temos com pessoas que normalmente não estão ~~na~~ ^{nessa} ~~nível~~ ^{zona} de conforto. Um projeto que nos ajuda a ver a vida de outro forma.

**Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?
Se sim, qual (quais)?**

Sim, Os professores não estão aqui para mandar em nós, mais pro nos aconselhar e mostrar como direções.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Fazer amizades que normalmente eu não teria feito. E ter outro forma mais interação de olhar, brincar com as coisas do mundo.

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Acho que estão fazendo um excelente trabalho.

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Bianca Campello Silva*
Turma: *1º F*
Idade: *15*

O que é a oficina Lente Aberta para você? *É um lugar onde a gente se sente bem pra poder o que pensamos. E conhecermos pessoas e coisas novas.*

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?
Se sim, qual (quais)? *Sim! É diferente de TODAS as outras por que aqui a gente se sente livre*

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?
Uma reflexão sobre a vida, sobre amizades, comédia e tudo mais...

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer? *Eles são muito legais!*

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Alia Souza Freitas dos Santos*
Turma: *1º G*
Idade: *16*

O que é a oficina Lente Aberta para você?

Um espaço onde podemos nos expressar sem medo de represálias ou julgamentos, onde podemos discutir nossas ideias e trabalhar nossa criatividade.

**Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?
Se sim, qual (quais)?**

Sim. O Lente Aberta representa um espaço diferente das salas de aula comuns.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Reflexões sobre mim mesma e o meio em que vivo.

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Nenhuma sugestão.

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Isandra Flóris Lopes*
Turma: *F*
Idade: *15 anos*

O que é a oficina Lente Aberta para você?

A oficina do lente aberto é um espaço onde podemos viver cursos, sentir cursos unexplicáveis toda dinâmica toda brincadeira que fizermos tudo nela tem uma explicação (humor).

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN? Se sim, qual (quais)?

Toda diferença, o lente faz a gente sentir, faz a gente viver um curso totalmente unexplicáveis as outras são apenas aulas normais.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

A paz, o equilíbrio da vida um sentimento lindo

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Veem eles são os melhores que eles continuam do jeito que são
na

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: Antônio Carlos M.V. Junior.
Turma: 1º G
Idade: 15

O que é a oficina Lente Aberta para você? 

Uma forma de libertar os meus melhores pensamentos

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?
Se sim, qual (quais)?

~~Sim, a diferença é que aqui não tem medo de falar o que se quiser.~~

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Questionar e utilizar minhas opiniões sem medo das consequências

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Estão ótimo, sabendo se relacionar com os alunos

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Bernardo De Louvo Reis*
Turma: *H*
Idade: *16*

O que é a oficina Lente Aberta para você?

Ela é mais que uma oficina, é onde debatemos vários assuntos e pensamentos de várias formas.

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?
Se sim, qual (quais)?

Sim, ela te faz pensar e ver o mundo de outras formas. Me amadureceu muito em alguns pontos.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Amadureceu muito alguns aspectos da minha vida!

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Ótimos, muito educados e gente boa.

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Luane Costa Spina*

Turma: *4º B*

Idade: *16*

O que é a oficina Lente Aberta para você?

É um projeto que me ensinou muitas coisas e realmente aprendi muita coisa, como as próprias coisas antigas, eles (os professores) ensinam coisas interessantes.

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN? Se sim, qual (quais)?

Sim, eles ensinam coisas que eu acho que uma escola nunca ensinaria, e no jeito diferente, eles ensinam a gente a aprender nós mesmos de uma forma leve e que nos faça sentir bem.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

O jeito de viver e aprender suas opiniões de forma correta, a forma de pensar e tomar uma iniciativa sobre coisas.

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Não, nenhuma, está perfeito já.

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Élaine Fernandes*
Turma: *3º G*
Idade: *16*

O que é a oficina Lente Aberta para você?

*Tudo, lentes mudou minha vida esse ano,
hoje eu posso dizer que existe outra eu depois do lentes,*

**Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?
Se sim, qual (quais)?**

*Vários, pois na lentes nos temos liberdade pra expressar o que pensamos
e sentimos e não ocorre nenhuma pressão ~~nessa~~, em relação a notas e
a compararmos.*

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

mudou o meu jeito de ver a vida.

**O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem
alguma sugestão a fazer?**

*Eu achei tudo incrível. O clima e a segurança ~~deles~~
deles é incrível.*

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: Guilherme Gomes Romão

Turma: G

Idade: 16

O que é a oficina Lente Aberta para você?

Essa oficina é uma oficina que proporciona para os alunos ideias para abrir um novo mata. Essa nome abrir, novas oportunidades, é uma forma de ajudar para aquelas pessoas que tem dificuldade de se relacionar com outras pessoas.

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN?

Se sim, qual (quais)?

Tem as diferenças principais. O Lente Aberta não é uma oficina que tem professores, e sim uma oficina conduzida por alunos, alguns mais experientes não são com aqueles períodos de professor autoritário, deixando que não deixem não levantar dúvidas, mas usando alunos para pensar e fazer para fazer que não me mais ideias.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Me proporcionou algumas transformações de me man zebra de ser, e formas de me exporem.

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Está perfeito a condução dos Elton, do Yuri, e do Victor, não parece verdadeiro e muitos sugestões que eu tenho é: continuam sendo quem são nós!!

Avaliação do Lente Aberta

Nome Completo: *Nádia Spindler Ferreira*
Turma: *1º G*
Idade: *16*

O que é a oficina Lente Aberta para você?

O Lente Aberta pra mim é um espaço na escola no qual nós fugimos da rotina. Um momento em que podemos abrir nos olhos e observar coisas que no nosso dia-a-dia passam despercebidos. Um momento para nos conhecer melhor.

Há alguma diferença entre a oficina Lente Aberta e as outras aulas do CEAN? Se sim, qual (quais)?

Sim. No Lente Aberta nós temos um momento de aprendizado porém não como nas outras, pois aqui somos tratados com igualdade e muito respeito e carinho.

Quais reflexões e/ou transformações o Lente Aberta te proporcionou?

Hoje eu sou uma pessoa que geralmente não fala muito quando tem muitas pessoas falando e sou mais atenta ao que está dizendo porém no Lente me expus pouco mas me expressei. Enfim meu modo de olhar o mundo mudou também.

O que você achou da condução dos educadores do Lente Aberta? Tem alguma sugestão a fazer?

Achei perfeito. Vocês são ótimos na moral mesmo.

ANEXO 5 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Direção do CEAN



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Brasília, 12 de fevereiro de 2015

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da ProP. Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Centro de Ensino Médio Asa Norte - CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma.

Durante o corpo da monografia, denominada "Lente Aberta: uma experiência de ação-reflexão-transformação com jovens na escola pública" é imprescindível o uso do nome do CEAN para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Além disso, durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina também têm grande valor para o trabalho. Por esse motivo, tendo em vista que o nome da escola CEAN e as imagens da escola e das oficinas serão divulgados, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (51) 9554-5229 (Helôá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Compartilharei com a escola os resultados desta pesquisa, após ser avaliada pela banca examinadora.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Helôá de Carvalho Wernhäuser Escalante
Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo quanto à utilização do nome do CEAN e das imagens para a pesquisa.

Hamilton Paz das Neves
Diretor do CEAN

HAMILTON PAZ DAS NEVES
Diretor - CEAN - Mat. 32596-1
DODF nº. 01 de 02/01/2014

Maria das Graças de Paula Machado
Vice-diretora do CEAN

MP. DAS GRAÇAS DE PAULA MACHADO
Vice-Diretora - CEAN - Mat. 211544-1
DODF nº. 01 de 02/01/2014

ANEXO 6 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Estudantes



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Guilherme Gomes Romão

Assinatura: Guilherme

E-mail (opcional): _____



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloá.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Marina Rito

Assinatura: Marina C. B. A. S. Rito

E-mail (opcional): marimarito54@hotmail.com



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Bernardo Lires

Assinatura: Bernardo Lires

E-mail (opcional): _____



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloi Escalante

Heloi de Carvalho Werkhäuser Escalante
Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

() Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Jaig Souza Freitas dos Santos

Assinatura: *Jaig Souza Freitas dos Santos*

E-mail (opcional): _____

Hamilton das Neves
HAMILTON DAS NEVES
Diretor - CEAN - Mat. 32936-1
DODF nº. 01 de 02/01/2011



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Marina dos S. R. Seabra

Assinatura: Marina S. R. Seabra

E-mail (opcional): _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa_escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

() Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Mariana Albuquerque

Assinatura: Mariana

E-mail (opcional): _____



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa_escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Miguel Abraham de Sousa

Assinatura: Miguel S. de Sousa

E-mail (opcional): _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá Escalante

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

() Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Antonio Carlos M. V. Junior

Assinatura: Antonio Carlos

E-mail (opcional): _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá Escalante

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Taline Fernandes da Silva

Assinatura: Taline Fernandes

E-mail (opcional): Taline.fds@terra.com.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Pro^{fa}. Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Helôá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Mariana Spindler Feres

Assinatura: Mariana Spindler Feres

E-mail (opcional): marianospindler2@gmail.com



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profa. Drª. Maria Alexandra Miltão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá Escalante

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Isabela Diniz

Assinatura: Isabela Diniz

E-mail (opcional): isabela@unb.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profa. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa_escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante
Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Sandra Fleus Lopes

Assinatura: Sandra Fleus Lopes

E-mail (opcional): sandinfleus@gmail.com

HAMILTON VAL DAS NEVES
Diretor - CEAN - Mat. 32596-1
DODF nº. 01 de 02/01/2014



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

() Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Andina Rainah Wunderley Gunther

Assinatura: Andina Rainah

E-mail (opcional): _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa_escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante
Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

() Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Hamilton Paz das Neves

Assinatura: Hamilton Paz das Neves

E-mail (opcional): _____

HAMILTON PAZ DAS NEVES
Diretor - CEAN - Mat. 32596-1
DODF nº. 01 de 02/01/2014



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Bianca Campelo Silva

Assinatura: Bianca Campelo Silva

E-mail (opcional): _____



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Sou estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa, no âmbito da disciplina Projeto 5: Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, com orientação da Profª. Drª. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

Trata-se de um estudo qualitativo que pretende historiar e compreender o processo da Oficina Lente Aberta, que funciona como Projeto Interdisciplinar no Colégio CEAN, e seu impacto nos participantes da mesma. As demais informações sobre o desenvolvimento deste projeto, assim como os seus objetivos e instrumentos metodológicos, entre outros aspectos, foram já esclarecidos oralmente aos estudantes na Oficina no início do semestre.

Durante as Oficinas foram realizadas gravações de vídeos e fotos das atividades desenvolvidas. As imagens gravadas durante a Oficina são imprescindíveis para a construção das informações a serem utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso, que integrará um banco de Monografias que serão disponibilizadas na UnB. Por esse motivo, tendo em vista que as imagens das atividades realizadas durante as Oficinas serão divulgadas, precisamos de sua autorização.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, você poderá me contatar pelo telefone (61) 9554-5229 (Heloá) ou no endereço eletrônico heloa.escalante@gmail.com

Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Heloá de Carvalho Werkhäuser Escalante

Estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação/UnB

Sim, estou de acordo em participar da pesquisa.

Nome: Francisca Spina

Assinatura: Francisca Spina

E-mail (opcional): franciscaspina@unb.com.br